



Instituto Superior de Educação e Trabalho

**Socialização e Clima no Meio
Escolar & Desportivo**

Curso: Mestrado em Animação Sociocultural

Dissertação Orientada por:

Professora Doutora Maria da Conceição Alves Pinto

Trabalho realizado por: Mário Castro

Porto, outubro 2016

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa da minha vida superada e só foi possível com o contributo e apoio de algumas pessoas importantes dos quais quero deixar aqui o meu reconhecimento e afeto.

À minha orientadora do mestrado, Professora Doutora Conceição Alves Pinto, pela sua disponibilidade, dedicação e paciência, quero expressar o meu profundo agradecimento.

À minha irmã Margarida, um agradecimento especial, pelo incentivo, pelo sacrifício, pelo apoio, pela transmissão de confiança e de força que me foi dando ao longo desta etapa. Por tudo, a minha enorme gratidão.

A todos os professores do ISET, que me prepararam e me apoiaram de forma que fosse possível a elaboração desta Tese.

À Estela, também um agradecimento especial, pelo apoio, carinho e compreensão, durante todo este período.

Aos colegas do mestrado, pelos bons momentos de confraternização.

À minha família, em especial aos MEUS PAIS, aos MEUS IRMÃOS, por contribuírem para a pessoa que sou hoje, por todos os ensinamentos de vida, pelo encorajamento e por acreditarem sempre em mim, um Muito Obrigado. A eles, dedico este trabalho.

RESUMO

Este trabalho centra-se no estudo da socialização e do clima no meio escolar e desportivo.

Pretende-se com este estudo, perceber as diferenças de perceção dos alunos do clima de escola assim como os valores relativos à socialização, quer no meio escolar e quer no meio desportivo.

Para a realização deste trabalho foi elaborado um questionário constituído por duas dimensões: clima de escola / clima do clube e valores na socialização escolar / socialização no clube.

Quando se fala de valores tais como companheirismo, confiança, aplicabilidade de regras e amabilidade, são os alunos que praticam uma modalidade desportiva que mais se destacam. Quanto ao clima, os alunos que frequentam a escola como os que frequentam um clube desportivo revelam comportamentos muito idênticos.

Palavras-chave: Alunos; Escola; Clube Desportivo.

ABSTRACT

The focus of this work is to study the socialization and atmosphere both in school and sports environment.

The purpose of this study is to understand the differences in students' perception of the school atmosphere as well as the values related to socialization, both in the school environment and in the sports environment.

For the accomplishment of this work a two dimensions' questionnaire was carried out: school environment / club environment and values in the socialization at school level / socialization at club level.

When talking about values such as companionship, trust, rule applicability and kindness, it is the students who practice a sport that stand out the most. As for the environment, students attending school and those attending a sports club show both very similar behaviors.

Key-words: Students; School; Sports Club

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	2
RESUMO	3
ABSTRACT	4
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	11
SOCIALIZAÇÃO E CLIMA	11
1 SOCIALIZAÇÃO	11
1.1 Conceito de Socialização	11
1.2 Agentes de Socialização	14
1.3 Processos de Socialização	16
1.3.1 Socialização Primária	17
1.3.2 Socialização Secundária	18
1.4 A Escola e a socialização	19
1.4.1 O Papel do Professor no processo de Socialização	20
1.4.2 O Papel do Aluno no processo de Socialização	20
1.4.3 O Papel dos Pais no processo de Socialização	21
2 O CLIMA	22
2.1 O conceito de clima	23
2.2 As variáveis na composição do clima	25
2.3 Os efeitos do clima	27
2.4 Clima das organizações autênticas e as suas dimensões	28

2.5	Clima de escola: percepções das interações escolares	31
3	CONCLUSÃO	35
	CAPÍTULO II	37
	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DE UM ESTUDO REALIZADO NUMA ESCOLA	37
1	INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS	37
2	AMOSTRA	40
2.1	Idade:	40
2.2	Género:	41
2.3	Nível de ensino frequentado:	42
2.4	Nível de instrução dos pais:	42
2.5	Prática desportiva em Clube	43
3	CLIMA RELACIONAL DA ESCOLA	43
3.1	Relação com os Colegas	44
3.1.1	Relação com os Colegas: Indicadores Parcelares	44
3.1.2	Relação com os Colegas : Indicador Agregado	45
3.1.3	Variações da Relação com os Colegas	45
3.1.3.1	Relação com os Colegas segundo a Idade	45
3.1.3.2	Relação com os Colegas segundo NIP (Nível de Instrução dos Pais)	46
3.2	Relação com os Professores	46
3.2.1	Relação com os Professores: Indicadores Parcelares	46
3.2.2	Relação com os Professores: Indicador Agregado	47
3.2.3	Variações da Relação com os Professores	48
3.2.3.1	Relação com os Professores segundo o Ano Escolar	48
3.3	Relação com o Diretor Turma	49
3.3.1	Relação com o Diretor Turma : Indicadores Parcelares	49

3.3.2	Relação com o Diretor de Turma : Indicador Agregado	49
3.3.3	Variações da Relação com o Diretor de Turma	50
3.3.3.1	Relação com o Diretor de Turma segundo o Género	50
3.3.3.2	Relação com o Diretor de Turma segundo a Idade	51
3.4	Justiça	51
3.4.1	Justiça: Indicadores parcelares	51
3.4.2	Justiça: Indicador Agregado	52
3.4.3	Variações da Justiça	52
3.4.3.1	Justiça segundo o Género	53
4	EXPERIÊNCIA ESCOLAR	53
4.1	Tonalidade da experiência escolar	53
4.1.1	Variações Tonalidade da experiência escolar	54
4.1.1.1	Tonalidade da experiência escolar segundo a Idade	54
4.1.1.2	Tonalidade da experiência escolar segundo o Ano de Escolaridade	54
4.2	Vínculo Escolar	55
4.2.1	Vínculo Escolar: Indicadores Parcelares	55
4.2.2	Vínculo Escolar: Indicador Agregado	55
4.2.3	Variações do Vínculo Escolar	56
4.2.3.1	Vínculo Escolar segundo o Género	56
4.2.3.2	Vínculo Escolar segundo a Idade	57
4.2.3.3	Vínculo Escolar segundo o Nível de Instrução dos Pais (NIP)	57
4.3	Participação Escolar	57
4.3.1	Participação Escolar: Indicadores Parcelares	58
4.3.2	Participação Escolar: Indicador Agregado	58
4.3.3	Variações da Participação Escolar	58
4.3.3.1	Participação Escolar segundo a Nível de Instrução dos Pais (NIP)	59
4.3.3.2	Participação Escolar segundo o Ser Atleta	59
5	VALORES	59
5.1	Amabilidade	60
5.1.1	Indicador de Amabilidade	60
5.1.2	Variações da Amabilidade	60
5.1.2.1	Amabilidade segundo a Idade	60
5.1.2.2	Amabilidade segundo a Escolaridade	61

5.2	Companheirismo	61
5.2.1	Indicador do Companheirismo	61
5.2.2	Variações do Companheirismo	62
5.2.2.1	Companheirismo segundo o Género	62
5.2.2.2	Companheirismo segundo a Idade	62
5.2.2.3	Companheirismo segundo o Ano Escolar	63
5.2.2.4	Companheirismo segundo NIP	63
5.3	Abertura à Amizade	63
5.3.1	Indicador de Abertura à Amizade	64
5.3.2	Variações da Abertura à Amizade	64
5.3.2.1	Abertura à Amizade segundo o Género	64
5.4	Colaboração	65
5.4.1	Indicador de Colaboração	65
5.4.2	Variações Colaboração	65
5.4.2.1	Colaboração segundo o Género	65
5.5	Solidariedade	66
5.5.1	Indicador Solidariedade	66
5.5.2	Variações Solidariedade	66
5.5.2.1	Solidariedade segundo o Género	66
5.6	Pro-atividade	67
5.6.1	Indicador da Pro-atividade	67
5.6.2	Variações da Pro-atividade	67
5.6.2.1	Pro-atividade segundo o NIP (Nível de Instrução dos Pais)	67
5.7	Confiança no Diretor de Turma	68
5.7.1	Indicador de Confiança	68
5.7.2	Variações da Confiança	68
5.8	Aceitação de Regras na sala de aula	68
5.8.1	Aceitação de Regras: Indicadores Parcelares	69
5.8.2	Aceitação de Regras: Indicador Agregado	69
5.8.3	Variações da Aceitação de Regras	69
5.8.3.1	Aceitação de Regras segundo o Género	70
5.8.3.2	Aceitação de Regras segundo a Idade	70
5.8.3.3	Aceitação de Regras segundo o Ano de Escolaridade	70
5.9	Respeito pelas orientações do DT	71
5.9.1	Indicador do Respeito	71

5.9.2	Variações do Respeito	71
5.9.2.1	Respeito segundo o Género	72
6	CLIMA NA ESCOLA E NO CLUBE	73
7	VALORES NA ESCOLA E NO CLUBE	76
8	CONCLUSÃO	80
9	BIBLIOGRAFIA	82
	ANEXOS	84

INTRODUÇÃO

Este trabalho de investigação é constituído por dois capítulos.

O primeiro capítulo destina-se ao aprofundamento teórico de dois conceitos, socialização e clima.

Quanto à socialização iremos analisar e tentar compreender melhor o processo de socialização à luz dos diferentes autores. Nesse sentido, e para uma melhor percepção, estudaremos o conceito de socialização, os seus agentes, os vários processos de socialização e qual o papel da escola na socialização.

Quanto ao clima, efetuamos uma pesquisa bibliográfica sobre a problemática do clima nas organizações procedendo ao seu enquadramento neste estudo.

No segundo capítulo iremos apresentar um estudo realizado junto de alunos. Para suporte ao estudo, o instrumento de recolha de dados foi efetuado por um questionário.

Pretendemos estudar a percepção dos alunos de uma escola, sobre as diferenças na socialização que existem entre alunos que apenas frequentam a escola e os alunos que para além da escola praticam desporto em clubes desportivos.

Quisemos também perceber qual a percepção desses alunos quanto ao clima existente na escola e ainda saber se, pelo facto de frequentarem clubes desportivos, têm uma visão diferente.

CAPÍTULO I

Socialização e Clima

1 SOCIALIZAÇÃO

O ser humano não nasce membro da sociedade, mas nasce com a predisposição para ser socializado. Vai, pois, tornar-se membro da sociedade ao longo de etapas sucessivas de autonomia, marcado pelas características da sociedade em que vive, e de tal modo que podemos dizer que a pertença de uma pessoa a uma sociedade “não é algo que esteja assegurado à partida, antes se obtém após processos complexos.” (ALVES-PINTO, 1995, p. 116).

Socialização é, portanto, um processo dinâmico através do qual os indivíduos apreendem os valores, as regras e as práticas da sociedade a que pertencem, visando a integração do indivíduo nos diferentes grupos a que irá pertencer ao longo da vida. Com efeito, é pela relação do indivíduo com a sociedade, que é “(...) uma realidade complexa que assenta num conjunto de trocas, de prestações e contraprestações, que envolvem, na sua globalidade, as pessoas dos parceiros em questão” que a socialização acontece (ibid, p. 120).

Na mesma linha de pensamento, DUBAR (1997, p. 30) considera a socialização como o resultado de um processo de interações que funciona em várias direções pois pressupõe a existência de trocas entre os socializadores e o socializado.

1.1 Conceito de Socialização

A socialização existe desde que o homem se organizou em sociedades e, portanto, “a socialização é um processo universalmente experimentado com as particularidades de cada contexto” (ALVES-PINTO, o.c., p. 116).

A socialização, embora sendo um processo universal, só recentemente tem sido objeto de estudo, e ainda há pouco tempo se procurava um termo que se pudesse atribuir a este processo de aprendizagens sucessivas. Esta procura foi desenvolvida por vários campos das ciências tais como pela psicologia social e a antropologia cultural. (ibid, p. 117).

Dada a ambiguidade do uso dos termos de aculturação, inculturação, integração e adaptação social no âmbito destes estudos, foram apontados os conceitos que precederam a atual visão de socialização, tal como se exemplifica no quadro seguinte:

Psicologia Social		Antropologia Cultural	
Terminologia	Conceito	Terminologia	Conceito
Aculturação	Processo de aprendizagem através do qual a criança recebe a cultura da etnia ou meio sociocultural em que nasceu	Integração Social	Mecanismos através dos quais um grupo ou uma sociedade recebe um novo membro
Socialização ou Inculturação	Processo através do qual o ser humano cresce no interior da cultura da sua comunidade de origem	Adaptação Social	Mecanismos através dos quais o indivíduo se torna apto a pertencer a um grupo

Fonte: ALVES-PINTO, 1995, p. 117

Do desenvolvimento destes estudos, concluiu-se que o termo integração era o que mais se adequava ao processo vivido pelas pessoas para se considerarem parte ativa de uma sociedade ou organização, uma vez que, etimologicamente, a palavra integração “contém precisamente o sentido dinâmico de recriação, que é o oposto de adaptação”, e porque na verdade com o processo de recriação vivido pelos indivíduos, diremos “que a pessoa se integra na sociedade e que a sociedade integra a pessoa” (ibid, p. 118).

Como já foi dito, a socialização tem sido alvo de constantes e sucessivos estudos, sendo conhecidas correntes tais como as que se enunciam a seguir:

Tipo de Abordagens de Socialização		
Correntes	Autores	Pensamento
Funcionalista	Linton	A socialização consistia na aquisição da cultura da sociedade a que pertence
	Parsons	Processo em que os indivíduos se tornam portadores do seu sistema social que garante a interiorização de 4 necessidades: estabilidade de normas, integração entre os seus membros, prossecução de objectivos e adaptação
Diferenciação das Classes Sociais	Baudele e Estabelet ↓ Teoria ↓ Reprodução direta	A socialização consiste num processo de diferenciação dos membros das classes sociais
	Bordieu ↓ Teoria ↓ Reprodução cultural	O meio funciona como uma cartilha geradora de regras e práticas que seriam transmitidas aos indivíduos
Iniciação e Aprofundamento das Trocas Sociais	Raíz na sociologia alemã desenvolvida por autores da escola de Chicago	A socialização assenta num conjunto de trocas, contribuições e contra contribuições que envolvem todos os indivíduos
Construção Social da Realidade	Simmel	Sociedade resulta das influências e determinações vividas reciprocamente
	Berger e Luchmann	A socialização resulta de uma dialética que se desenvolve em três momentos: exteriorização, objectivação e interiorização

Fonte: ALVES-PINTO, 1995, p. 117-121

Através da socialização a pessoa constrói o direito de pertença ao grupo, contudo, é preciso passar por diversas e complexas etapas até assegurar a sua integração num grupo, numa organização, numa sociedade, (cfr ALVES-PINTO, o.c., p. 116).

É também através da socialização que o indivíduo interioriza regras, valores e sentimentos e vai adquirindo o seu EU, a sua identidade e autonomia. De acordo com o

pensamento de ROCHER (1989, p. 126), a socialização é um “processo pelo qual ao longo da vida a pessoa humana apreende e interioriza os elementos socioculturais do seu meio, os integra na estrutura da sua personalidade sob a influência de experiências de agentes sociais significativos e se adapta assim ao ambiente social em que se deve viver.” A aprendizagem dos símbolos e códigos é indispensável para a interação, visto que é “(...) são as expectativas, as ambições programadas, são os códigos, que explicam, para lá da racionalidade das opções ligadas ao contexto, as condutas dos indivíduos.” (DUBET o.c., p. 142).

Podemos dizer que “o processo de socialização nunca está acabado e mesmo aqueles que a sociedade considera adultos vivem processos vários de socialização”, (ALVES PINTO, o.c., p. 116). Portanto, a socialização comporta uma sequência de constante de processos, porque, se “começa à nascença, continua-se pela vida fora e só acaba com a morte”, (ROCHER, o.c., p. 127), logo, a socialização não é só a transmissão de valores e o resultado de aprendizagens formalizadas, mas sim o desenvolvimento de representações do mundo, o produto permanentemente reformulado das influências dos diversos agentes de socialização, essencialmente é uma construção lenta e gradual de um código simbólico e finalmente é um processo de identificação e de construção de identidade (cfr. DUBAR, o.c., p.31).

1.2 Agentes de Socialização

Uma vez que a vida é um aprender contínuo, e que ao longo dela somos alvo de processos de socialização, estamos também sujeitos a mecanismos de socialização que são acionados por diferentes grupos ou contextos sociais, de entre os quais se destacam a família, a escola.

A estes promotores de socialização designamos por agentes de socialização, e podem ser definidos consoante a socialização seja realizada dentro de grupos

perfeitamente identificados como a família ou a escola, aos quais é explicitamente atribuída a função de ensinar e educar, ou realizada por grupos e instituições sem o fim explícito de socializar, como a empresa, os grupos de jovens, o partido político... (cfr. ROCHER, o.c., p. 142).

A família é o agente de socialização mais significativo em todas as sociedades e, provavelmente, o que mais influência tem na socialização dos indivíduos. É na família que se criam os laços sociais e emocionais, e onde se começam a interiorizar os valores e normas da sociedade.

- É a família que detém uma importância indiscutível porque “(...) é no seio da família que se inicia o processo de socialização da criança, que se constroem os esquemas racionais de base que influenciarão mais tarde as suas interações de adultos” e portanto, é na família que, potencialmente, se constrói “uma das bases da vida social dos indivíduos” (MARC e PICCARD, s/d, p. 175).
- A Escola desempenha a função de permitir às crianças tornarem-se menos dependentes da família, de ser o elo de ligação a outros grupos sociais, e numa sociedade escolarizada, “a socialização escolar é a socialização secundária que se oferece à maioria das crianças e jovens”, (ALVES PINTO, o.c., p. 123). A socialização que os alunos recebem dos agentes educativos complementa-se com a que recebem na família, e podendo até sobrepor-se a esta última.
- À margem das atividades escolares, os alunos aprendem valores e comportamentos que, eventualmente, ainda não foram induzidos no seio familiar tais como pontualidade, disciplina, aplicação, competição e obediência, porque “as interações com os colegas, embora passando muitas

vezes despercebidas, são determinantes na socialização escolar” (ibid, p. 135);

- Os Pares, ou grupos de pessoas que têm a mesma idade e características sociais semelhantes, que podem ser os amigos da escola, do bairro, dos clubes desportivos, ou outros tipos de grupos, como sejam grupos culturais, religiosos, políticos, laborais, etc., têm significativa relevância na socialização escolar (ibidem).

1.3 Processos de Socialização

A aprendizagem/aquisição de reflexos hábitos, atitudes, etc., desenvolve-se através de quatro processos principais: “(...) a repetição, a imitação, a aplicação de recompensas e de punições e as tentativas e erros”(ROCHER , o.c., p. 133).

Qualquer indivíduo, a partir do momento em que se torna membro de um grupo, quer seja ele familiar, escolar ou profissional, no processo de interações quotidianas, assimila a cultura do próprio grupo, sob pena de ser marginalizado pelos outros membros, ou até mesmo expulso.

Neste processo dialético de trocas, todos os indivíduos estão constantemente a construir-se e a intervir na construção do(s) outro(s), uma vez que, “estar em sociedade significa participar da dialética da sociedade.” (BERGER e LUCKMAN, 2004, p. 137).

Para estes autores este processo dialético compreende três momentos que fazem parte de um processo nunca acabado em que a sociedade participa na construção do indivíduo e este participa na construção da sociedade:

- A exteriorização, que consiste na exteriorização do seu “eu” no mundo social, em que o indivíduo expõe as suas particularidades;
- A objetivação, em que a exteriorização se vai impor objetivamente, mesmo à pessoa que se exterioriza, quase transformando-a em regra;

- A interiorização, que é o “(...) processo através do qual o indivíduo interioriza o mundo social como realidade objetiva” (ALVES-PINTO, o.c., p. 121) interiorizamos o mundo social duma maneira objetiva. A forma de ser de cada um vai criar expectativas que determinam comportamentos. As regras constituem-se após sistemáticos comportamentos.

A socialização como processo desenvolve-se em algumas fases, das quais destacaremos alguns aspetos mais relevantes:

1.3.1 Socialização Primária

A socialização primária começa por nos introduzir no mundo, e normalmente inicia-se no seio da família. A socialização primária assenta na transmissão de valores, dos ideais, dos modos de pensar às crianças, aparecendo a família “ (...) como a “agência” da sociedade que reproduz através da sua estrutura relacional as estruturas sociais fundamentais” (MARC e PICARD, o.c, p. 190).

É na infância que os indivíduos experimentam o período de socialização mais marcante, pois, é nesta fase que a criança tem de aprender coisas básicas -- linguagem, higiene, maneiras, etc.,-- aprendizagem essa feita com uma rapidez jamais encontrada no resto da sua vida. (ROCHER, o.c., p.127) Então, é durante esta etapa da socialização que a criança interioriza o que lhe é transmitido pelos adultos com quem interage e apreende os valores fundamentais e as condutas básicas que lhe permite comunicar com os outros membros da sociedade. (ALVES PINTO, o.c., p. 122).

Esta etapa da socialização do ser humano não é chamada de “primária” apenas porque vem em primeiro lugar, mas sobretudo porque é nela que se tem que ancorar todas as nossas vivências, “aquela em que têm de se enraizar todas as socializações subsequentes para poderem ser bem sucedidas.” (ibid, p. 121), isto é, a socialização

primária é a estrutura de base para a socialização secundária (BERGER e LUCKMAN, o.c., p. 139) .

A socialização primária é mais que uma simples aprendizagem cognitiva. Ela impõe o envolvimento baseado em altos índices de emoção, pelo que, sem a ligação emocional a outros significativos, a aprendizagem se tornaria um processo quase impossível (ibidem).

1.3.2 Socialização Secundária

Já atrás foi referido que a vida da pessoa comporta uma sequência de processos de socialização. Por isso, a socialização ocorre em instâncias várias, não só na família mas também na escola, nas associações culturais, nas empresas, isto é, em contextos vários da vida.

Todo o indivíduo quando nasce começa a apreender o mundo que lhe é exterior. Essa conquista do mundo ocorre na interação em contextos muito diversos, em instituições algumas das quais foram criadas com o fim de se ocuparem do desenvolvimento físico e psicológico do indivíduo – a família, a escola, a igreja --- nas quais o indivíduo é “obrigado” a conviver, e outras que tendo outros objetivos --- empresa, grupos de amigos, associações desportivas e culturais... --- vão exercer forte influência na sua socialização.

Com efeito, e tal como ALVES-PINTO refere, “a socialização primária é mais do que insuficiente para tornar os indivíduos membros da sociedade atual” e uma vez que o processo de socialização nunca está acabado, os indivíduos estão sujeitos a várias socializações, secundárias (ibid, p. 116).

A socialização escolar inicia a socialização secundária. Ainda que a socialização escolar seja marcante na socialização secundária, esta não termina quando a socialização escolar acaba, pois, a pessoa vai continuar a viver outras socializações

secundárias, seja no campo da profissional, seja noutros contextos extra profissionais, quando for chamado a integrar-se em grupos de natureza vária, a conviver em contextos geográficos, sociais e políticos bem diferenciados. (cfr. ALVES PINTO, o.c., p. 124).

1.4 A Escola e a socialização

Presentemente a escola tem um papel importante na socialização dos jovens uma vez que “ (...) a escola é o lugar que a sociedade organiza, de forma explícita, para levar a cabo a socialização das novas gerações” (ibid, p. 113).

Nas sociedades escolarizadas, como é o caso de Portugal, a escola assume-se como um tempo cada vez mais lato, e um espaço de progressivas interações sociais propiciadoras da construção pessoal e social dos alunos. (ibid, p. 134). Em resultado das interações sociais que se desenrolam dentro da escola, podem “desenvolver-se sentimentos de pertença ou exclusão e alicerçar convicções de que é possível ou não intervir neste sistema de trocas sociais concreto que é a escola” (ibid, p. 136).

Mas a escola, a par das vertentes cognitiva e afetiva também vai ter sobretudo um papel importante na vertente classificadora, uma vez que fornece “medidas quantificadas”, as quais vão ter influência na construção das imagens que os alunos vão desenvolver, em função dos seus resultados escolares (ibid, p. 135). Esses resultados podem ser um fator estimulante ou depressivo, na construção da auto - estima e no auto - conceito académico do aluno. Com efeito, “(...) a imagem que o aluno tem de si próprio em termos académicos está intimamente ligada à imagem que (...) que tem de si próprio em termos globais” (ibid, p. 142).

O aluno confiante em si próprio é mais recetivo ao conhecimento, mais cultor da curiosidade cognitiva, mais aberto ao pensamento crítico e à independência intelectual. (cfr. TEIXEIRA, 1995, p. 113).

1.4.1 O Papel do Professor no processo de Socialização

Como vimos já, a socialização escolar assenta num processo de interações, no qual o professor vai ter um papel muito importante, na medida em que é o professor quem mais proximamente acompanha o aluno dentro da escola. Por isso, o sucesso escolar, em grande parte, resulta das relações professor-aluno (ibidem). Na realidade, uma das condições mais prioritárias para o professor poder cumprir a sua missão é conseguir estabelecer uma relação pessoal com os seus alunos (ibid, p. 112), uma vez que, na turma não há alunos-fotocópia, mas pessoas, cada uma das quais diferente das outras. Aliás, a falácia do conceito de aluno-médio, a qual se sustenta na pedagogia e na didática do ensino expositivo da matéria centrado na palavra do professor, tem levado à relação distante entre o professor --- que é quem sabe --- e os alunos – meros recetores dos “conhecimentos” debitados pelo mestre. Hoje, este tipo de relação pedagógica está desacreditada, e cada vez mais se defende a necessidade de a escola estar atenta à realidade da diferença existente na sala de aula. Professores e alunos cada vez mais sentem que sendo o professor o adulto com quem os alunos mantêm mais contacto, ele vai ser a pessoa com mais oportunidades de os marcar culturalmente, o que só poderá acontecer se conseguir incutir no aluno o prazer e o interesse em adquirir novas aprendizagens com significado para o aluno (ibidem).

1.4.2 O Papel do Aluno no processo de Socialização

Os alunos também são parte ativa da sua socialização, também têm um papel interventivo, na medida em que vão “(...) conhecer várias formas de actualizar e interpretar as regras do jogo escolar” (ALVES PINTO, o.c., p. 114).

Ao longo do percurso escolar vai acontecer “uma evolução em termos do enquadramento e daquilo que é esperado dos alunos”, na medida em que a progressão nos ciclos de ensino, coloca os alunos ante regras substancialmente diferentes, isto é, há

novos desafios, novos processos de avaliação, maiores exigências face ao seu dever de representação dos seus colegas nos órgãos de administração/gestão da escola, e estas mudanças impõem um processo de readaptação a uma nova concepção do trabalho escolar (ibidem).

Da socialização escolar vivida pelos alunos dependerá, no futuro, a atitude que “(...) ele vier a assumir perante a vida” e a manifestação das capacidades demonstradas ou unibidas na sua vivência escolar. (TEIXEIRA, o.c., p. 113).

1.4.3 O Papel dos Pais no processo de Socialização

Os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos seus filhos e começam, desde logo, a exercer influência a partir da considerada socialização primária, chegando até Heck e Williams a afirmarem que são “a fundação, o ponto a partir do qual tudo acontece” (ibid, p. 114).

Contudo, aos pais também se pede que, para além daquela socialização primária, da cultura que transmitiram na infância, intervenham no processo escolar dos filhos (ALVES PINTO, o.c., p. 114), porque “o que acontece em casa influencia o comportamento do aluno na escola, assim como que o que acontece na escola influencia o comportamento em casa” (TEIXEIRA, o.c., p. 115). Aliás, estudos vários têm demonstrado que é muito útil a cooperação entre professores e famílias na medida em que ela se tem traduzido em efeitos positivos, quer para os alunos a nível da aquisição de conhecimentos, de hábitos sociais e de estudo, quer para os próprios pais, pela melhoria da sua autoimagem e da sua autoconfiança (ibidem). Além disso, quando há um relacionamento sustentado na empatia, os pais passam a demonstrar mais apreço pela função do professor, o que, por sua vez, se vai traduzir num efeito positivo junto do docente.

Dos estudos realizados por TEIXEIRA podemos extrair que, segundo a opinião dos professores, a importância da colaboração com os familiares das crianças, tem por finalidade conhecer melhor a personalidade dos alunos e os seus problemas, para deste modo poderem atuar melhor junto deles, em caso de dificuldades de aprendizagens ou de relacionamentos, e, por isso, a escola e a família, como diz Perrenoud, “(...) são duas instituições condenadas a cooperar”, (ibid, p. 119).

2 O CLIMA

A escola é uma organização muito especial, dado que as finalidades que lhe são atribuídas pela comunidade social a obrigam a “trabalhar” uma matéria-prima muito excecional: as pessoas. Acresce que numa sociedade desenvolvida todas as pessoas foram escolarizadas, e cada vez mais há pessoas adultas a regressarem à escola para reatualizarem as suas competências profissionais ou sociais. Logo, a escola tem de trabalhar sobre uma matéria-prima cada vez mais diferenciada, uma matéria-prima viva, personalizada, que cada vez menos admite a manipulação e repudia a conformação a ditames autocraticamente impostos pelo “professor artesão”. A isto, acresce o facto do professor ser ele, também, um “produto” de uma escola tão diferente daquela que tem de assumir o desafio do cumprimento cabal das finalidades incluídas no mandato e no contrato definidos nos documentos dimanados da Assembleia da República --- Constituição e Lei de Bases do Sistema Educativo --- e do Governo --- múltiplos normativos relativos à administração e gestão e funções da escola, e estatuto da carreira docente, e outras dimensões da ação educativa escolar --- (cfr. TEIXEIRA, 1995). Quer dizer que também o professor precisa de se transformar, porque, estejam ou não conscientes “(...) todos aqueles que na escola trabalham e estão envolvidos na ação educativa também se comprometem, se educam, se transformam” (Leitão, 2014, p. 19)

Pelo que temos vindo a expor, para estudar e perceber as ocorrências no quotidiano escolar, é indispensável evocar os tipos de relações e interações ocorridas no ambiente escolar.

Nesta reflexão, situar-nos-emos numa revisão bibliográfica sobre o fenómeno do clima organizacional e, particularmente, do clima de escola.

Começaremos por abordar alguns conceitos de clima organizacional, referindo as variáveis da sua composição e os efeitos na atividades e na relação das pessoas com a organização a que pertencem. Por isso, faremos também uma breve abordagem sobre o clima nas organizações autênticas tentando perceber quais as diferenças que apresentam em relação aos outros tipos de organizações.

Por último analisaremos o clima de escola, porque a escola é o universo mais vasto no qual se inclui objeto mais restrito da nossa investigação.

2.1 O conceito de clima

O conceito de clima da organização, sendo muito vasto, tem sido alvo de alguma discussão, uma vez que os vários estudiosos não têm sido unânimes na definição deste conceito, e sobretudo, na relação entre a cultura e o clima.

BRUNET entende que o clima organizacional é construído pelas relações entretecidas entre os atores da organização. O autor, reconhece que este conceito padece de alguma imprecisão, e enuncia três definições distintas sobre o clima:

- A primeira consiste em definir o clima em função das características da organização, relacionando-as com os factos “(...) objetivos observados nos indivíduos” (1992, p. 125).
- Na segunda definição o clima é considerado em função das necessidades dos indivíduos, e cuja avaliação [do clima] se baseia nas emoções provindas dos fatores que compõem o ambiente de trabalho (ibid., p. 126);

- Na terceira definição, o mesmo autor “considera o clima como uma série de atributos que são perceptíveis do ponto de vista da organização, e que podem ser indicadores da sua forma de agir, pois, como diz Lewin” (...) “o comportamento de um indivíduo é função da sua personalidade e do ambiente que o rodeia” (ibidem).

Das definições supra enunciadas, BRUNET adota a ideia do clima “(...) como percepção das características mais permanentes da organização”, e conclui que qualquer organização é um sistema de interação e, por isso, “(...) são o atores (...) que fazem da organização aquilo que ela é”, (ibid, p. 125).

Para FERREIRA et al., o estudo do clima pode ser sustentar-se em “(...) quatro perspectivas separáveis apesar de não mutuamente exclusivas: * estrutural, * perceptiva, * interaccionista e *cultural”.

Adianta que a perspectiva estrutural entende o clima “(...) como um conjunto de características que descrevem objectivamente uma organização e a distinguem de outra organização”, por isso, o clima é definido como “(...) uma manifestação objetiva das características da organização que o indivíduo encontra e apreende” (1996, p. 308).

Partindo da consulta das definições e características do clima enunciadas em vários estudos, BERGERON avança com uma definição do clima organizacional como sendo “(...) um conjunto de características objetivas e relativamente permanentes da organização, descritas como percebidas pelos membros da organização, e que servem para dar uma certa personalidade à organização, e influenciando também o comportamento e as atitudes dos membros”. (1979, p. 290). Desta definição é relevado o problema da questão “percepção vrs realidade”, porque, quando é pedido a vários membros, com variados estatutos, dentro de uma dada organização que descrevam o clima, “(...) eles descrevem não o que «é» mas o que eles «vêem», do que resultam

diferentes climas dessa organização”, (ibidem). Saliente-se, pois, nestas considerações de BERGERON, por um lado, a dimensão objetiva de certas características, mas por outro lado, a forte carga subjetiva evidenciada no modo de ver e perceber o clima pelos diversos grupos integrados na organização.

Dos estudos efetuados por CALADO e SOUSA extraímos que “muitos autores falam de perceções, outros de descrições, de características organizacionais, de representações ou ainda de comportamentos, atitudes, sentimentos.” (1993, p. 201).

Também TEIXEIRA, se pronunciou sobre este tema, e na sua perspetiva, o clima “(...) é aquilo os seus membros vêem e sentem da sua organização”, e chama a nossa atenção para que “(...) tenhamos em conta o carácter eminentemente subjectivo desta problemática” (o.c., p. 165).

Posteriormente, AZEVEDO considera que o clima é controlado “(...) amplamente e limitado pelos aspetos do ambiente social, que são conscientemente percebidos pelos profissionais da empresa” (2003, s/p).

2.2 As variáveis na composição do clima

O clima organizacional tem uma grande importância no funcionamento das organizações, uma vez que influencia os atitudes e comportamentos dos seus membros, assim funcionando “como catalisador dos comportamentos observados nos atores de uma organização (BRUNET, o.c., p. 128) e, por isso, existe consenso na identificação das variáveis que determinam o clima, reconhecendo variáveis comportamentais, de estrutura e de processo, abaixo descritas (ibid, p. 127):

Variáveis que Intervêm na Composição do Clima Organizacional			
Comportamentais		Estrutura	Processo
Individual	Atitudes	Dimensão da organização	Liderança
	Personalidade		Comunicação
	Capacidades		Resolução de Conflitos
De Grupo	Estrutura	Níveis hierárquicos	Seleção
	Coesão	Especialização das Funções	Coordenação
	Normas	Dimensão dos Departamentos	Recompensas
	Papéis	Grau de Centralização	Estatuto e relações de poder
		Programa Escolar	Projeto educativo

DESSLER diz que Forehand y Gilmer em resultado “(...) de uma extensa pesquisa de literatura disponível escolheram cinco variáveis objetivas como as mais importantes para descrever (...) o clima: dimensão, estrutura organizacional, complexidade dos sistemas, liderança e objectivos” (s/d., p. 182) e BERAZA (1996, p. 268) afirma que, também, “(...) aspetos como a temperatura, (...) a organização dos espaços, a distribuição dos objetos, os horários de trabalho e a forma de atividades (...) constituem elementos subjetivos do clima”, indo assim de encontro às variáveis de estrutura elencadas por BRUNET.

TEIXEIRA (o.c., p. 166) considera que o clima “(...) é influenciado também, pelas interações estabelecidas entre as pessoas”, e posteriormente MENEZES e GOMES (2010, p. 165) afirmaram que “a perceção sobre o clima é assim formada com base na interação entre características pessoais e organizacionais, sendo constituída por valores situacionais específicos (...). O clima organizacional pode ser visto como uma avaliação sumária de eventos baseados na interação entre eventos reais e a perceção destes”.

2.3 Os efeitos do clima

Tal como o clima atmosférico influencia de forma significativa tanto o estilo de vida das pessoas que habitam numa dada área climática, como o tipo de produtos que se criam, também se podem encontrar reflexos diferentes nas organizações, consoante os tipos de climas organizacionais das mesmas (BERAZA, o.c., p. 286).

Nesse sentido, já BERGERON afirmava que o clima é uma perceção das características mais permanentes da organização, as quais “(...) servem para dar uma certa personalidade à organização assim influenciando o comportamento e as atitudes dos seus membros”, (o.c., p. 290).

Para BERGERON, é preciso separar as consequências do clima organizacional em dois grupos, “impacto sobre o rendimento” e “impacto sobre a satisfação”:

Na questão do impacto sobre o rendimento e sobre a satisfação, BERGERON compara os resultados de um exercício de três simulações de liderança feitas por Litwin e Stringer: *a) autoritária e burocrática* (descrição precisa das tarefas, regulamentos fixos, comunicações formais, disciplina); *b) democrática e amigável* (cooperação e espírito de equipa, participação nas decisões, inter-relações informais); *c) superação e excelência* (colocação de objetivos elevados para o grupo e para cada indivíduo, encorajamento da criatividade e da inovação; recorrendo a toda a casta de recompensas tais como promoções, aumento de salários como incentivo para um rendimento alto).

A simulação durou duas semanas, e os resultados evidenciados mostraram que para obter maior produtividade e mais inovação a liderança da alínea c) superação e excelência era a mais eficaz; mas na relação clima/satisfação os resultados mais satisfatórios advieram da liderança b) democrática e amigável. (ibid, pp. 295-296).

Este efeito do clima nas atitudes e comportamentos das pessoas membros da organização é enfatizado por outros autores. BRUNET (o.c., p. 132) refere que o clima

organizacional produz efeitos sobre “o desenvolvimento pessoal e a aprendizagem” e sobre “a satisfação e o rendimento”. Com efeito, “o clima desempenha um papel fundamental no êxito das ações aperfeiçoamento ou de formação (reciclagem) do pessoal (...)”, e a exemplo de BERGERON, também defende que os comportamentos adotados podem variar em função do tipo de clima existente: Num clima do tipo autoritário existe “(...) a tendência para adotar comportamentos passivos que evitem eventuais repreensões”, até porque a iniciativa individual pode ser vista com desconfiança, mas já “(...) um clima do tipo participativo e aberto às mudanças estimula o empenhamento em programas de formação e aperfeiçoamento”. Ainda segundo BRUNET, o clima organizacional vai interferir na satisfação e no rendimento dos membros das organizações, porquanto “é óbvio que um clima que permite a uma pessoa expandir-se e desenvolver-se é mais suscetível de produzir uma visão positiva da instituição”. No entanto, a relação entre o clima e o rendimento não parece ser tão clara como anteriormente se pensou, pois nesta relação podem interferir características pessoais, “(...) o que torna difícil separar os efeitos do clima e o papel das aptidões, das capacidades ou da personalidade no rendimento de um indivíduo” (o.c., p. 133). Também BERGERON faz uma distinção entre clima e satisfação e “(...) sugere com certas reservas a relação entre clima e satisfação”, (o.c., p. 297).

2.4 Clima das organizações autotizóticas e as suas dimensões

Devido à importância do bem-estar, quer psicológico quer pessoal no rendimento dos membros da organização, atualmente já se reconhece alguma preocupação com a existência de locais de trabalho agradáveis e saudáveis.

Todavia, estudos feitos na Europa têm vindo a revelar aspetos preocupantes sobre a natureza e as condições de trabalho nas empresas. *O guia do Stress Ocupacional da Comissão Europeia* evidencia que os trabalhadores se queixam de

ritmos elevados no trabalho, de cumprirem tarefas monótonas, curtas e repetitivas, de os trabalhadores não serem ouvidos, e por isso, não terem qualquer influência sobre a organização do trabalho; e em consequência do stress são referidas aspetos de mal-estar somático: dores de cabeça, musculares, nas costas, fadiga. Num outro estudo são apontadas negativas características tais como “insegurança, precaridade de condições, espírito «selvático»; dificuldades de conciliação entre trabalho e família (...) a competição (...) o isolamento social, o desajustamento psicológico e a má saúde mental (...). (cfr. PINA e CUNHA e REGO, 2005, p. 66). Ao contrário destes aspetos detetados no trabalho, KETS de VRIES afirma que “o trabalho (...) pode ser uma âncora para o bem-estar psicológico, um modo de estabelecer a identidade e manter a auto-estima” e propuseram o “(...) conceito de organização autentizótica”, (2001, p. 101).

A empresa autentizótica caracteriza-se por ser “(...) autêntica, merecedora de confiança” e “é vital para a vida das pessoas (...) fornecendo significado para as suas vidas” (ibidem).

Apadrinhando este conceito de empresa, a Comissão Europeia publicou, em 2003, a relação “das melhores empresas para trabalhar na Europa”. As empresas constantes da lista organizam os esquemas de trabalho baseados na “(...) credibilidade, respeito, justiça, orgulho/brio e camaradagem” isto é, tentam harmonizar os tempos da vida familiar e profissional, têm creches, atribuem prémios de vária natureza, proporcionam apoios na vertente da saúde, do lazer e desporto, e outros benefícios conformes às necessidades detetadas em cada empresa. (ibid, p. 68)

Tentando compreender as atitudes e os comportamentos dos membros das organizações chamadas autentizóticas, em domínios tais como intenções de abandono da organização, stress, saúde, bem-estar afetivo no trabalho, empenhamento na

organização e produtividade, CUNHA e REGO desenvolveram pesquisas que assentam sobretudo ao nível das características do ambiente de trabalho (ibid, p. 78).

Nesse sentido organizaram uma pesquisa com seis dimensões visando perceber o grau em que as percepções dos colaboradores se relacionam com outras tantas reações, tal como a seguir se exemplifica (ibid, p. 69):

Dimensão	Indicadores
Espírito de Camaradagem	Existe um sentido de família entre os colaboradores As pessoas preocupam-se com o bem-estar dos outros Há um grande espírito de equipa A atmosfera da organização é amistosa
Credibilidade e Confiança do Superior	As pessoas têm grande confiança nos superiores Os superiores cumprem as promessas As pessoas sentem que os superiores são honestos
Comunicação Aberta e Franca c/ o Superior	As pessoas sentem-se livres para comunicar franca e abertamente com os superiores As pessoas sentem-se à vontade para mostrar que discordam das opiniões dos superiores É fácil falar com as pessoas situadas em níveis hierárquicos superiores
Oportunidade de Desenvolvimento e Aprendizagem	As pessoas sentem que podem aprender continuamente As pessoas podem colocar a criatividade e a imaginação ao serviço do trabalho e da organização As pessoas sentem que lhes são atribuídas responsabilidades importantes As pessoas sentem que podem desenvolver as suas potencialidades
Equidade	Quando se obtêm bons resultados devido aos esforços dos colaboradores, os “louros” são distribuídos apenas por um número reduzido de chefias (<i>item invertido</i>) As pessoas sentem-se discriminadas (<i>item invertido</i>) Há favoritismos pessoais nas promoções (<i>item invertido</i>)
Conciliação do Trabalho-Família	Esta organização ajuda as pessoas a conciliar o trabalho com a vida familiar A organização preocupa-se em que as pessoas conciliem o trabalho com as responsabilidades familiares Para se progredir na carreira, é necessário sacrificar a vida familiar (<i>item invertido</i>) A empresa cria condições para que as pessoas acompanhem a educação dos filhos

(Fonte: CUNHA e REGO, 2005, p. 69)

Com o objetivo de perceber as reações dos colaboradores de empresas com ambientes organizacionais diferentes, auscultaram seis grupos de indivíduos da esfera de empresas insalubres e autenticizóticas. Neste estudo pretenderam saber “se os grupos assim formados também divergiam no que concerne às intenções de abandono da

organização, ao stress, à saúde, ao bem-estar afetivo no trabalho, ao empenhamento na organização e à produtividade” (ibid, p. 70).

Desses estudos concluíram que realmente existe divergência nos propósitos dos trabalhadores das empresas consideradas insalubres e das consideradas autenticizóticas, como a seguir se mostra:

Climas Organizacionais Insalubres	Climas Organizacionais Autenticizóticos
<ul style="list-style-type: none"> • Congrega forte desejo de abandono da organização • Fraco empenhamento afetivo • Fraco sentido de lealdade organizacional • Modesto bem-estar afetivo no trabalho • Índices mais elevados de stress • Mais baixa produtividade • Menor saúde física 	<ul style="list-style-type: none"> • Fraco desejo de abandono da organização • Vincado empenhamento afetivo • Mais forte sentido de lealdade • Elevado bem-estar afetivo no trabalho • Índices inferiores de stress • Mais elevada produtividade • Mais vigorosa saúde

(Fonte: CUNHA e REGO, 2005, p. 70)

Os resultados da pesquisa vão no sentido daquilo que GAZIEL verificou no seu estudo sobre a organização escolar, ou seja, que todos os membros das organizações gostam de sentir-se satisfeitos nos seus locais de trabalho ou de estudo, e essa satisfação está interligada com a “(...) inclusão em certos grupos, bem como às realizações dos seus objetivos” (1987, p. 37).

2.5 Clima de escola: percepções das interações escolares

Porque “a escola, sobretudo a escola como organização, não tem sido objeto de um estudo tão aprofundado quanto várias outras organizações” (TEIXEIRA, 1995, p. 4), para o nosso estudo sobre o clima, importa fazer uma breve incursão sobre alguns desses estudos que julgamos trazerem aspetos importantes à nossa reflexão.

TEIXEIRA entende que no estudo da escola, nomeadamente no domínio da relações dos atores educativos entre si, e de cada um deles com a escola, inevitavelmente terá de se “(...) confrontar com a questão do clima da escola” (ibid, p. 166). Das recensões

feitas para a elaboração do quadro teórico de uma sua investigação resultou a convicção ser “(...) extremamente forte a relação entre o clima da organização e a motivação dos actores organizacionais”, e ainda que na sua investigação não tivesse havido “(...) uma observação directa da escola” arrisca a afirmação de “(...) que nas escolas em que existe um sentido de partilha e de cooperação, hábitos de trabalho comum, espírito de equipa, existe, também, maior motivação dos diversos actores do processo educativo e maior satisfação no trabalho” (ibidem).

Da interação entre dois ou mais indivíduos resultam mútuas percepções que ajudam cada um dos interlocutores a situar-se ante o outro. Quando as interações ocorrem num grupo estruturado ou numa organização, as percepções do conjunto dos seus membros definem o clima organizacional e/ou social do grupo ou da organização. (ibid, p. 165)

A escola é uma organização especial porque existe para ajudar as pessoas a educarem-se, a identificarem-se consigo mesmas e com os outros, a reconhecerem-se próximas mas também diferentes do(s) outro(s), numa palavra a construírem a sua identidade pessoal mas também pessoal “(...) no sistema de interações escolares”, (cfr. ALVES-PINTO, 1995, p. 142-143).

A escola é, então, um palco de evidenciação de percepções e comportamentos dos atores educativos, num clima mais ou menos agradável/constrangedor, mais ou menos asfixiante /criador; mais ou menos galvanizante/entediado. Por isso, vejamos o que nos dizem outros estudiosos sobre este clima relacional.

GAZIEL (o.c., pp. 36-37) define o clima psicossocial da escola “(...) como o conjunto das percepções e dos sentimentos do indivíduo quanto ao funcionamento da sua organização. Trata-se portanto, duma avaliação subjetiva deste funcionamento.”

Para FINLAYSON, os fatores o clima social geral da escola são, por um lado, o comportamento dos alunos entre si e as interações entre alunos e professores, e, por outro lado, a comunicação existente entre a escola e a comunidade. Por isso, qualquer estudo sobre esta temática deverá dar atenção a estes aspetos. (1981, p. 122). No seu estudo encontrou diferenças importantes nas percepções dos professores e dos alunos, diferenças que ocorriam não só na mesma escola, mas também entre escolas. (ibid, p. 128)

Mas porque na escola há atores com estatutos profissionais diferenciados, é importante considerar as percepções da direção e dos subordinados sobre os seus direitos e deveres e dos comportamentos resultantes do exercício do poder, (cfr. BRUNET, o.c., p. 129). A atenção ao modo do exercício do poder nas relações intra escola é também um fator muito importante para captar o tipo de clima, porque a qualquer ator educativo é facultado o exercício do seu poder nas relações com o(s) outro(s), ainda que, por mor do seu estatuto, uns tenham maior autoridade formal do que outros. A importância desta dimensão do poder é relevada por CORNEJO e REDONDO (2001, p. 16), que explicam que clima escolar não é mais que a percepção que os alunos têm sobre as relações que estabelecem com os seus professores e com outros contextos escolares. Já para JANOZ et al, (1998, p. 292), o clima escolar “dá uma indicação geral do tom e da atmosfera que reina nas relações sociais, do valor dado aos indivíduos, à missão educativa da escola e à instituição como meio de vida”, sendo, portanto, fator influente na criação de uma predisposição para as aprendizagens escolares e sociais. Na mesma linha se pronuncia BRUNET, quando afirma que o clima “reporta-se às percepções dos atores escolares em relação às práticas existentes”, mencionando que o clima atua como catalisador dos comportamentos dos indivíduos, resultando assim, que o clima escolar

se é, por um lado produto, é também fator das várias interações que se verificam na escola (o. c., p. 128).

Do que temos vindo a expor, podemos concluir que muito dos investigadores entendem o clima de escola como a percepção subjetiva do que se passa na organização escolar.

Atendendo às finalidades justificativas da criação da escola pública que foram referidas na introdução a esta reflexão, e que impõem, a cada ator educativo escolar, uma efetiva responsabilidade na consumação ou no malogro dessas finalidades, “(...) importa que a escola seja vista como espaço de vida, espaço de socialização de aprendizagem de construção da cidadania. (...) que se criem oportunidades de fortalecer os laços que unem alunos entre si, alunos e adultos, sejam professores ou outros intervenientes educativo” (TEIXEIRA e ALVES-PINTO, 2013, s/nº p.).

3 CONCLUSÃO

Com este trabalho, ficámos a conhecer algumas definições do conceito de clima, onde, apesar de certas divergências, todos os autores são unânimes em afirmar que um clima organizacional satisfatório contribui para melhores comportamentos e atitudes dos membros de uma organização, levando assim a organização ao caminho do sucesso.

Também é importante salientar as causas do clima, pois dele resultam os comportamentos e as atitudes dos indivíduos.

Ficamos a conhecer as variáveis que determinam o clima tais como comportamentais, de estrutura de processo, estas variáveis tanto se manifestam influentes no grupo como a nível individual.

O clima também depende do tipo de relações que se estabelecem entre os indivíduos, isto é, se o clima produz efeitos e influência o estilo de vida das pessoas, logo estes efeitos podem ser diferentes de organização para organização. O empenho das pessoas pode ser influenciado pelo clima vivido na instituição interferindo na satisfação ou gosto dos indivíduos na organização.

Ao refletirmos sobre o clima nas organizações autênticas, apuramos que estas são organizações onde se vive um bem-estar, quer pessoal quer psicológico, o clima existente é agradável e as pessoas trabalham com satisfação, têm comportamentos e atitudes que conduzem a instituição ao sucesso.

Com este estudo concluímos que os comportamentos dos indivíduos que trabalham em organizações autênticas e os que trabalham em organizações insalubres, são distintos e reforçam a importância da existência de um clima saudável para desenvolver laços fortes de aplicações da pessoa à organização.

Nesta pesquisa também estudamos o clima da escola e verificamos que existe uma forte relação entre a motivação dos membros da comunidade educativa e o clima

vivido na escola, porque o clima social de escola resulta das relações existentes entre os elementos que constituem a comunidade escolar. Por isso, verificamos que é de extrema importância fomentar dinâmicas na escola capazes de proporcionar interações entre as pessoas de forma a proporcionar um clima escolar agradável e satisfatório que leve os alunos a obterem bons resultados, à satisfação profissional dos professores e funcionários e que transmita segurança e confiança aos pais e encarregados de educação.

CAPÍTULO II

Apresentação dos Resultados de um Estudo Realizado numa Escola

No presente trabalho pretendemos estudar, num agrupamento de escolas da área de S. João da Madeira, as diferenças de perceção dos alunos do clima de escola assim como dos valores relativos à socialização. Procuraremos estudar por um lado o clima de escola e o clima do clube desportivo e por outro lado os valores ligados à socialização na escola e da socialização no clube.

1 INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS

O instrumento de recolha de dados é constituído por um questionário com questões fechadas.

Este questionário, para além da caracterização dos respondentes e de indicadores de experiência escolar, é constituído por duas dimensões: clima de escola / clima do clube e valores na socialização escolar / socialização no clube.

Para a dimensão clima de escola tomamos para observação indicadores retirados de M. Teixeira (2014) como o sentimento de justiça, a relação com colegas, a relação com o diretor de turma ou ainda a relação com professores. Querendo comparar as representações que os alunos têm da escola e do clube incluímos perguntas equivalentes ao clima de escola para o clima no clube e dos valores na experiência na escola para dos valores na experiência no clube. À figura dos professores e do diretor de turma fizemos corresponder respetivamente o dos treinadores e do seccionista respetivamente, no clube desportivo.

Para a dimensão valores os indicadores de referência são, entre outras, a aceitação de regras, o respeito, a colaboração, a solidariedade e o companheirismo.

Nos quadros seguintes enunciamos por um lado, as dimensões da experiência escolar e por outro, as dimensões e respetivos indicadores do clima – de escola e do clube - e dos valores – na escola e no clube - que iremos tratar.

Experiência escolar

Tonalidade da experiência escolar
Vínculo Escolar
Participação Escolar

Clima relacional da Escola

Na Escola	No Clube
Relação entre Colegas	Relação entre membros da equipa
Relação com os Professores	Relação com o Treinador
Relação com o Diretor de Turma	Relação com o Seccionista
Justiça	Justiça

CLIMA/INDICADORES

Relação Colegas	
Escola	Clube
1. Quando ando preocupado com alguma coisa tenho colegas com quem posso falar do que me preocupa	1. Quando ando preocupado com alguma coisa tenho colegas na equipa com quem posso falar do que me preocupa
7. Há muita competição entre os alunos	5. Há muita competição entre jogadores
13. Há muitos conflitos entre os alunos	9. Há muitos conflitos entre os jogadores
19. Quando tenho dificuldade em fazer alguma coisa tenho colegas que tentam ajudar-me	13. Quando tenho dificuldade nos treinos tenho colegas na equipa que tentam ajudar-me

Relação Diretor Turma / Seccionista	
Escola	Clube
Relação com Diretor Turma	Relação com o Seccionista
3. O diretor de turma só sabe ralar e ameaçar com castigos.	3. O seccionista ameaça com castigos para quem não cumpre as regras (-)
9. O diretor de turma, ao longo do ano, interessa-se por saber se temos dificuldade	7. O seccionista, ao longo do ano, interessa-se por saber se temos dificuldades nos treinos
15. O diretor de turma está sempre disponível para nos ouvir e ajudar a resolver problemas	11. O seccionista do clube está sempre disponível para nos ouvir e ajudar a resolver problemas

Relação Professores / Treinadores	
Escola	Clube
Relação com os Professores	Relação com os Treinadores
5. Os professores fazem o que podem para nos motivar a estudar	4. Os treinadores fazem o que podem para nos incentivar a dar o nosso melhor
11. Não me sinto à vontade com a maioria dos professores pois eles têm um comportamento muito distante (-)	8. Não me sinto à vontade com alguns treinadores pois eles têm um comportamento muito distante (-)
17. Os professores respeitam-nos como pessoas	12. Os treinadores respeitam-nos como pessoas

Justiça	
Escola	Clube
2. Os professores explicam quais são os critérios de avaliação	2. Os treinadores explicam quais são os critérios da convocatória
8. As notas são no geral justas	6. As convocatórias para os jogos são no geral justas
14. Os professores mostram preferências por alguns alunos	10. Os treinadores mostram preferências por alguns jogadores
2. Os professores explicam quais são os critérios de avaliação	2. Os treinadores explicam quais são os critérios da convocatória

Valores de socialização

Na Escola	No Clube
Amabilidade	Amabilidade
Companheirismo	Companheirismo
Amizade	Amizade
Colaboração	Colaboração
Solidariedade	Solidariedade
Pro-atividade	Pro-atividade
Confiança no Diretor de Turma	Confiança no Treinador
Aceitação de Regras na sala de aula	Aceitação de Regras nos treinos
Respeito pelas orientações do DT	Respeito pelas orientações do Seccionista

2 AMOSTRA

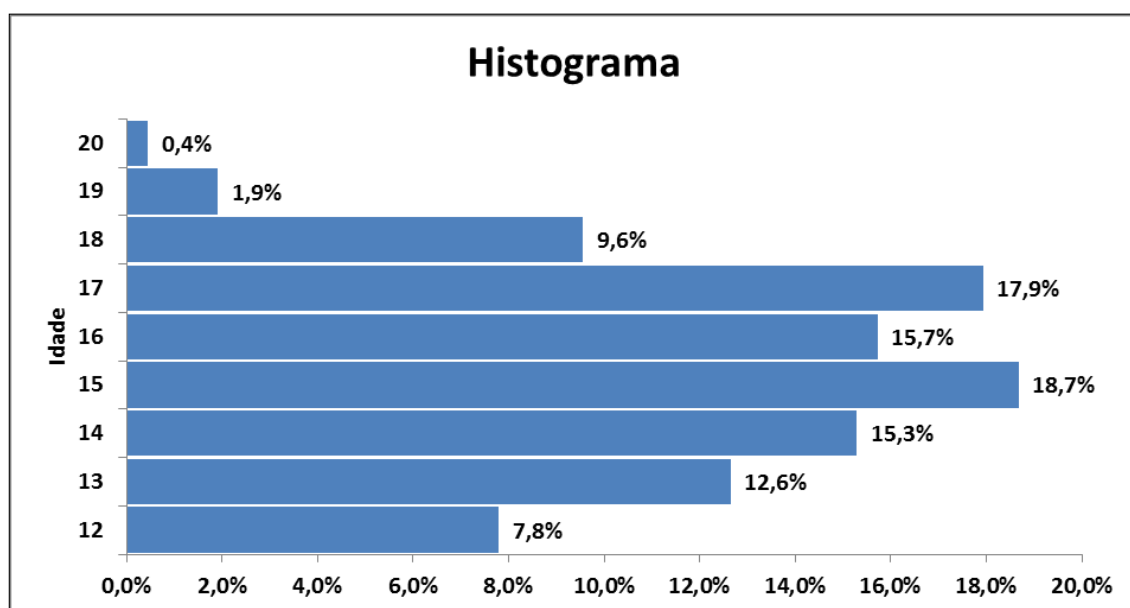
A nossa amostra é constituída por 681 alunos que frequentaram, no ano letivo 2014/2015, um agrupamento de escolas em S. João da Madeira, e para o efeito contamos com a colaboração dos Diretores de Turma que entregaram e recolheram os questionários.

Os questionários foram passados durante os meses de março e abril a alunos dos 7º ao 12º anos, com idades compreendidas entre os 12 anos e os 20 anos.

Nas tabelas que se seguem podemos verificar a caracterização dos nossos respondentes por idades, por género, a sua distribuição por ensino frequentado e o nível de instrução familiar:

2.1 Idade:

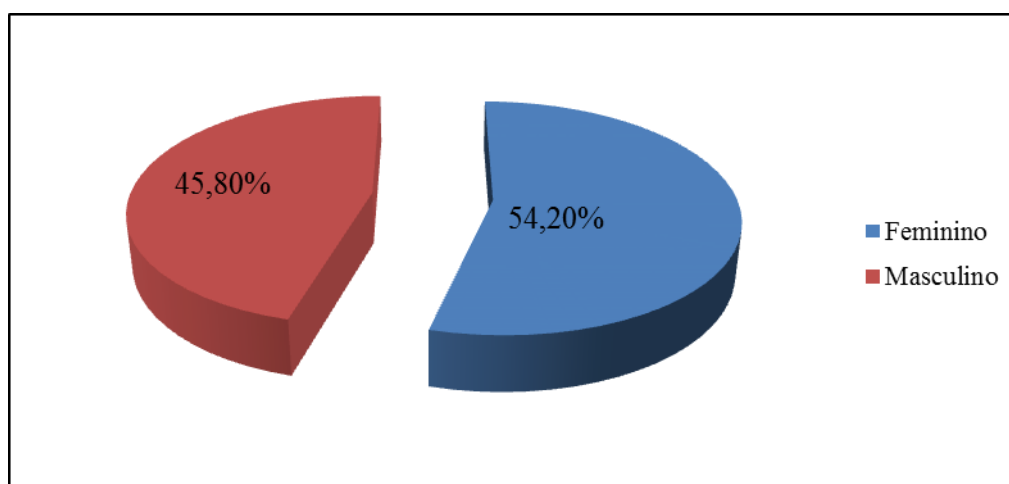
Idade	Frequências	
12	53	7,80%
13	86	12,60%
14	104	15,30%
15	127	18,70%
16	107	15,70%
17	122	17,90%
18	65	9,60%
19	13	1,90%
20	3	0,40%
Totais	680	100%



Como se pode verificar a maioria dos nossos respondentes têm idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos.

2.2 Género:

Género	Frequências	
Feminino	368	54,20%
Masculino	311	45,80%
Totais	679	100,00%

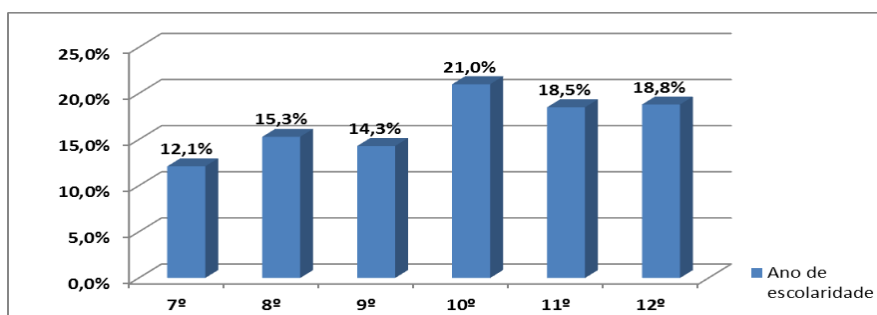


A maioria dos respondentes é do sexo feminino.

2.3 Nível de ensino frequentado:

A distribuição por ano de escolaridade é a que consta da tabela a seguir:

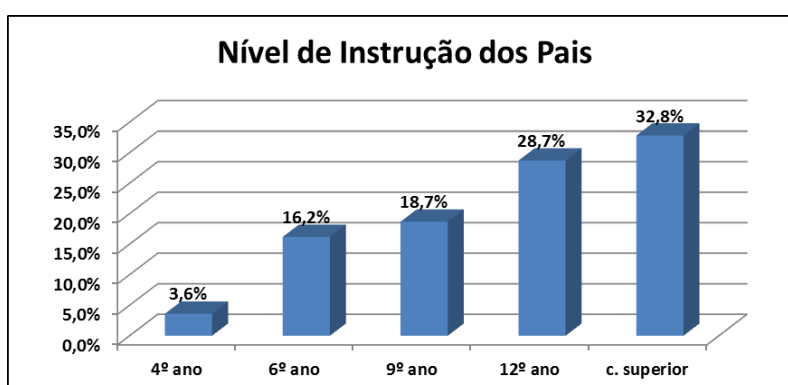
Ano	Frequências	
7º	82	12,1%
8º	104	15,3%
9º	97	14,3%
10º	143	21,0%
11º	126	18,5%
12º	128	18,8%
Totais	680	100,0%



2.4 Nível de instrução dos pais:

Considerando que o nível de instrução dos pais, que corresponde para cada um dos alunos que responderam ao questionário, à habilitação acadêmica mais elevada entre o pai e a mãe.

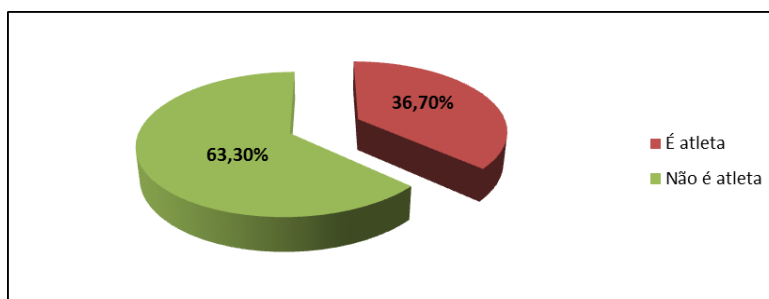
NIP	Frequências	
4º Ano Escolaridade	24	3,60%
6º Ano Escolaridade	109	16,20%
9º Ano Escolaridade	126	18,70%
12º Ano Escolaridade	193	28,70%
Curso Superior	221	32,80%
Totais	673	100%



A maior percentagem regista-se nos pais com instrução ao nível do ensino superior. Pensamos que este resultado do nível de instrução dos pais se deva ao facto da escola estudada, ter um determinado peso histórico, uma vez que iniciou as suas funções pedagógicas como um colégio sendo por isso, considerada uma referência. Talvez seja uma escola muito procurada porque tem resultados no ranking nacional muito bons e está no primeiro lugar ao nível do concelho.

2.5 Prática desportiva em Clube

És atleta de algum clube desportivo?		
É atleta	245	36,7%
Não é atleta	422	63,3%
Totais	667	100,0%



Apesar de não ser a maioria, ainda é significativa a percentagem dos alunos que dizem frequentar um clube desportivo.

3 CLIMA RELACIONAL DA ESCOLA

Para o estudo do clima da escola utilizámos alguns indicadores da autoria de M. Teixeira, Relação com os Colegas, Relação com os Diretores de Turma e Relação com os Professores. Para o estudo do clima do clube partimos destes indicadores e realizámos as respetivas adaptações.

3.1 Relação com os Colegas

3.1.1 Relação com os Colegas: Indicadores Parcelares

Para sabermos qual a percepção que os alunos têm das relações que estabelecem com os seus colegas utilizamos 4 indicadores, dois deles positivos para perceber se existe apoio e ajuda entre os alunos e dois com conotação negativa para perceber se existe competição e conflitos entre os alunos.

As questões colocadas e os resultados obtidos podem observar-se na tabela que a seguir apresentamos:

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais
7.1. Quando ando preocupado com alguma coisa tenho colegas com quem posso falar do que me preocupa	10 1,5%	17 2,5%	77 11,4%	311 46,0%	261 38,6%	676 100,0%
7.7. Há muita competição entre os alunos (<i>item invertido</i>)	33 4,9%	86 12,7%	232 34,2%	202 29,8%	125 18,4%	678 100,0%
7.13. Há muitos conflitos entre os alunos (<i>item invertido</i>)	77 11,4%	202 29,8%	194 28,6%	134 19,8%	71 10,5%	678 100,0%
7.19. Quando tenho dificuldade em fazer alguma coisa tenho colegas que tentam ajudar-me	14 2,1%	18 2,7%	113 16,7%	346 51,1%	186 27,5%	677 100,0%

Pela análise do quadro verificamos que a maioria dos alunos refere poder contar com os colegas. Podemos também verificar que uma expressiva maioria diz poder contar com a ajuda dos seus colegas para ultrapassar dificuldades.

Salientamos que no indicador competição uma maioria afirma a existência de competição entre pares, no entanto, verifica-se uma percentagem significativa de alunos que não tem uma opinião formada. No indicador que utilizámos para saber se os alunos identificam a existência de conflitos entre eles, verificamos que apenas 30,3% dos respondentes afirmam a existência de conflitos.

Construímos um indicador agregado da relação entre colegas invertendo os códigos nos itens relativos aos conflitos e competição por apontarem para uma relação menos positiva.

3.1.2 Relação com os Colegas : Indicador Agregado

Agregado da Relação com os Colegas		
Muito Má 4	0	0,0%
6	3	0,5%
7	5	0,8%
Má 8	7	1,1%
9	14	2,1%
10	27	4,1%
11	54	8,1%
Neutra 12	82	12,3%
13	82	12,3%
14	108	16,2%
15	120	18,0%
Boa 16	72	10,8%
17	51	7,7%
18	26	3,9%
19	10	1,5%
Muito Boa 20	5	0,8%
Totais	666	100,0%

Dada a distribuição obtida deste indicador utilizamos os seguintes intervalos,

[4 a 12] – Média Fraca; [13 a 15] – Razoável; [16 a 20] – Boa e Muito Boa.

3.1.3 Variações da Relação com os Colegas

	Género	Idade	Ano	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2	4	2	4	2
χ^2 Observado	4,68	31,38	3,85	10,44	2,34
Probabilidade Observada	0,10	<0,01	0,15	0,03	0,31

Calculada a tabela de contingência verificamos que apenas se regista variação com a idade e o nível de instrução dos pais.

3.1.3.1 Relação com os Colegas segundo a Idade

Idade Relação Colegas Escola Clima	[12,14]	[15,16]	[17,20]	TOTAL
Razoável / Má [6 – 12]	57 24%	51 22%	84 42%	192 29%
Razoável [13 – 15]	114 48%	108 47%	87 44%	309 46%
Boa e Muito Boa [16 – 20]	66 28%	70 31%	28 14%	164 25%
TOTAL	237 100%	229 100%	199 100%	665 100%

Graus de Liberdade = 4

χ^2 Observado = 31,38

Probabilidade Observada < 0,01

Estes dados permitem-nos observar que o sentimento de relação com os colegas, razoável ou má é mais frequente nos alunos a partir dos 17 anos, enquanto que a distribuição da opinião dos alunos dos 12 aos 16 é mais favorável.

3.1.3.2 Relação com os Colegas segundo NIP (Nível de Instrução dos Pais)

NIP Relação Colegas Escola Clima	4º/6º ano 1 - 2	9º/12º ano 3 - 4	C. Superior 5 - 5	TOTAL
Razoável / Má [6 – 12]	47 36%	86 28%	58 27%	191 29%
Boa [13 – 15]	57 44%	157 50%	91 42%	305 46%
Muito Boa [16 – 20]	26 20%	69 22%	67 31%	162 25%
TOTAL	130 100%	312 100%	216 100%	658 100%

Graus de Liberdade = 4

 χ^2 Observado = 10,44

Probabilidade Observada. = 0,03

À medida que aumenta o NIP aumenta a percentagem de alunos que consideram ter uma boa e muito boa relação com o colegas e inversamente diminui os que dizem ter uma relação problemática.

3.2 Relação com os Professores

3.2.1 Relação com os Professores: Indicadores Parcelares

Com estes indicadores quisemos saber qual era o entendimento dos alunos relativamente à relação do professor com o aluno. Utilizamos três indicadores, para perceber qual a opinião dos alunos sobre o comportamento do professor. Dois estão apontando para uma relação positiva (os professores respeitam-nos como pessoas e os professores fazem o que podem para os motivar a estudar), e um apontamento negativo no sentido (não sentir à vontade com os professores), tal como se encontra na tabela seguinte:

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais
7.5. Os professores fazem o que podem para nos motivar a estudar	21 3,1%	62 9,2%	255 37,7%	263 38,8%	76 11,2%	677 100,0%
7.11. Não me sinto à vontade com muitos professores pois eles têm um comportamento muito distante (<i>item invertido</i>)	42 6,2%	146 21,5%	261 38,4%	169 24,9%	61 9,0%	679 100,0%
7.17. Os professores respeitam-nos como pessoas	24 3,5%	33 4,8%	156 22,9%	336 49,3%	132 19,4%	681 100,0%

A exemplo do que se verificou nos indicadores anteriores, temos dois indicadores que apontam para a boa relação com os professores, a maioria afirma concordar com a existência de boas relações.

Já no indicador que nos dá o sentimento de estar à vontade dos alunos com os professores mais de um terço dos alunos afirmam não ter uma opinião. Salientemos ainda que há mais alunos a concordar do que a discordar que se sentem pouco à vontade com os professores.

3.2.2 Relação com os Professores: Indicador Agregado

No quadro que se segue podemos verificar que a maioria dos respondentes se concentra nas opiniões positivas, com valores acima do ponto médio da escala, sendo reduzido o número de respostas na Relação Fraca ou Muito Fraca:

Agregado da Relação com os Professores		
Muito Fraca 3	4	0,6%
4	10	1,5%
5	9	1,3%
Fraca 6	12	1,8%
7	23	3,4%
8	63	9,3%
Neutra 9	109	16,1%
10	141	20,9%
11	131	19,4%
Neutra Boa 12	102	15,1%
13	46	6,8%
14	19	2,8%
Boa Muito Boa 15	6	0,9%
Totais	675	100,0%

Neste indicador os intervalos considerados foram neutra/fraca [3 a 9], Razoável [10 a 11], Boa e Muito Boa [12 a 15].

De salientar que, os códigos da questão 7.11, não me sinto à vontade com muitos professores pois eles têm um comportamento muito distante, foram invertidos na construção do indicador agregado.

3.2.3 Variações da Relação com os Professores

Para analisarmos as variações da relação com os professores construímos as tabelas de contingência e no quadro seguinte apresentamos os valores do teste χ^2 :

	Género	Idade	Ano/Ciclo	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2,00	4,00	2,00	4,00	2,00
χ^2 Observado	1,11	8,00	8,42	1,12	0,01
Probabilidade Observada	0,58	0,09	0,01	0,89	0,99

Na análise do quadro verifica-se que não há registo de variações da Relação com os professores segundo o género, idade, nível de instrução dos pais e ser atleta mas que varia no ano/ciclo.

3.2.3.1 Relação com os Professores segundo o Ano Escolar

Ciclo Relação Professores Escola Clima	3º ciclo 7 - 9	Secundário 10 - 12	TOTAL
Neutra / Fraca 3 - 9	113 40%	117 30%	230 34%
Razoável 10 - 11	100 36%	171 43%	271 40%
Boa e Muito Boa 12 - 15	67 24%	106 27%	173 26%
TOTAL	280 100%	394 100%	674 100%

Graus de Liberdade = 2 χ^2 Observado = 8,42 Probabilidade Observada= 0,01

Pela análise desta tabela de contingência verificamos que os alunos do 3º ciclo dizem mais frequentemente que os alunos do secundário que a relação dos professores com os alunos é menos positiva.

3.3 Relação com o Diretor Turma

3.3.1 Relação com o Diretor Turma : Indicadores Parcelares

Para sabermos qual a percepção que os estudantes têm das relações que estabelecem com o seu Diretor de Turma (DT) utilizamos 3 indicadores, um deles com um sentido negativo, “o diretor de turma só sabe ralar e ameaçar com castigos” e dois deles com uma conotação positiva, perceber se o DT se interessa por os ouvir e os ajudar a ultrapassar os seus problemas.

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais
7.3. O diretor de turma só sabe ralar e ameaçar com castigos. <i>(item invertido)</i>	192 28,3%	277 40,9%	129 19,0%	46 6,8%	34 5,0%	678 100,0%
7.9. O diretor de turma interessa-se por saber se temos dificuldade em acompanhar as diferentes disciplinas	25 3,7%	46 6,8%	137 20,2%	297 43,8%	173 25,5%	678 100,0%
7.15. O diretor de turma está sempre disponível para nos ouvir e ajudar a resolver problemas	30 4,4%	23 3,4%	117 17,2%	264 38,8%	246 36,2%	680 100,0%

A maioria dos alunos afirma discordar que o DT só saiba ralar e assume concordar que o D.T. se interessa pelos alunos com dificuldades e que está sempre disponível para ajudar a resolver problemas.

O indicador agregado que se segue foi construído invertendo os códigos do indicador: o diretor de turma só sabe ralar e ameaçar com castigos.

3.3.2 Relação com o Diretor de Turma : Indicador Agregado

Agregado da Relação com o Diretor Turma		
Muito Fraca 3	10	1,5%
4	6	0,9%
5	7	1,0%
Fraca 6	10	1,5%
7	15	2,2%
8	29	4,3%
Neutra 9	47	7,0%
10	60	8,9%
11	80	11,9%
Boa 12	140	20,8%
13	108	16,0%
14	83	12,3%
Muito Boa 15	79	11,7%
Totais	674	100,0%

Para este indicador agregado consideramos os seguintes intervalos média/fraca [3 a 9], razoável [10 a 11] e boa e muito boa [12 a 15].

3.3.3 Variações da Relação com o Diretor de Turma

Para analisarmos as variações das relações com o Diretor de Turma (DT) segundo as características contingentes calculamos as tabelas de contingência e aplicámos o teste do qui quadrado que a seguir demonstramos na tabela:

	Género	Idade	Ano	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2	4	2	4	2
χ^2 Observado	7,91	11,26	5,35	5,62	3,16
Probabilidade Observada	0,02	0,02	0,07	0,23	0,21

Verificamos que apenas se registam variações da relação com o diretor de turma segundo a idade e com o género.

3.3.3.1 Relação com o Diretor de Turma segundo o Género

Género Relação com o Diretor Turma Escola Clima	Feminino	Masculino	TOTAL
Neutra / fraca 3-9	68 19%	55 18%	123 18%
Razoável 10-11	61 17%	79 26%	140 21%
Boa e muito boa 12-15	234 64%	175 57%	409 61%
TOTAL	363 100%	309 100%	672 100%

Graus de Liberdade = 2 χ^2 Observado = 7,91 Probabilidade Observada = 0,02

Pela análise do quadro podemos verificar que as alunas dizem mais frequentemente do que os colegas, que a relação com o diretor de turma é boa ou muito boa.

3.3.3.2 Relação com o Diretor de Turma segundo a Idade

Idade Relação Diretor Turma Escola Clima	[12,14]	[15,16]	[17,20]	TOTAL
Neutra / fraca 3-9	56 23%	28 12%	40 20%	124 18%
Razoável 10-11	50 21%	47 20%	43 22%	140 21%
Boa e muito boa 12-15	136 56%	157 68%	116 58%	409 61%
TOTAL	242 100%	232 100%	199 100%	673 100%

Graus de Liberdade = 4

 χ^2 Observado = 11,26

Probabilidade Observada = 0,02

Estes dados permitem-nos observar que a relação dos alunos com o diretor de turma é maioritariamente boa / muito boa em todas as idades, contudo são os alunos das idades intermédias que dizem mais frequentemente que os colegas que têm uma boa relação com o DT.

3.4 Justiça

No que concerne à justiça, quisemos perceber até que ponto os alunos sentem que os professores são justos com os alunos. Para tal tivemos por base os indicadores, os professores explicam quais são os critérios da avaliação, a justiça na atribuição das notas e a preferência dos professores por alguns alunos. Importa salientar que o terceiro é indicador do inverso da justiça.

A distribuição das respostas dos alunos face às questões sobre justiça, constam da tabela seguinte:

3.4.1 Justiça: Indicadores parcelares

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais
Os professores explicam quais são os critérios de avaliação.	10 1,5%	15 2,2%	104 15,3%	385 56,7%	165 24,3%	679 100,0%
As notas são no geral justas.	41 6,0%	88 13,0%	199 29,3%	278 40,9%	73 10,8%	679 100,0%
Os professores mostram preferências por alguns alunos. (item invertido)	27 4,0%	85 12,5%	194 28,5%	209 30,7%	165 24,3%	680 100,0%

Analisando a frequência das respostas verificamos que existe uma maioria de alunos a afirmar que geralmente as notas são justas, mas constatamos também que uma maioria bem mais destacada afirma que os professores explicam quais são os critérios de avaliação. Saliente-se que mais de 50% concordam contra apenas 16,5% que discordam que os professores mostram preferências por alguns alunos.

3.4.2 Justiça: Indicador Agregado

No quadro que se segue podemos verificar que a maioria dos respondentes situa-se acima do ponto médio, sendo reduzido o número de respostas na Justiça Fraca ou Muito Fraca:

Agregado da Justiça		
Muito Fraca 3	5	0,7%
4	4	0,6%
5	13	1,9%
Fraca 6	24	3,6%
7	44	6,5%
8	78	11,5%
Neutra 9	123	18,2%
10	132	19,5%
11	107	15,8%
Boa 12	82	12,1%
13	46	6,8%
14	15	2,2%
Muito Boa 15	3	0,4%
Totais	676	100,0%

Para análises estatísticas posteriores considerámos os seguintes intervalos justiça neutra/fraca [3 a 9], justiça razoável [10 a 11] e boa e muito boa justiça [12 a 15].

3.4.3 Variações da Justiça

Para medirmos as variações da justiça dos professores em relação aos alunos elaboramos as tabelas de contingência e respetivo tratamento estatístico e respetivos χ^2 :

	Género	Idade	Ano	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2	4	2	4	2
χ^2 Observado	7,14	5,82	3,82	7,90	4,80
Probabilidade Observada	0,03	0,21	0,15	0,10	0,09

Da análise do quadro verificamos que apenas existe variação do sentimento de justiça com o género.

3.4.3.1 *Justiça segundo o Género*

Género Justiça Escola (Clima)	Feminino	Masculino	TOTAL
Neutra / fraca 3-9	140 38%	149 48%	289 43%
Razoável 10-11	143 39%	96 31%	239 35%
Boa e muito boa 12-15	82 22%	64 21%	146 22%
TOTAL	365 100%	309 100%	674 100%

Graus de Liberdade = 2

 χ^2 Observado = 7,14

Probabilidade Observada = 0,03

Estes dados permitem-nos observar que são as alunas que dizem mais frequentemente que os rapazes, que há mais justiça dos professores em relação aos alunos.

4 EXPERIÊNCIA ESCOLAR

4.1 Tonalidade da experiência escolar

Para aferir o sentimento dos alunos quanto à sua vontade de frequentar a escola utilizámos um indicador de Alves-Pinto que consiste na seguinte questão “Pensando no que sentes quando vens para a escola, qual das respostas a seguir corresponde mais ao teu estado de espírito? Propusemos 3 hipóteses de respostas: viria à escola mesmo que não fosse obrigado (Satisfeitos), só venho à escola porque estão lá todas as pessoas da minha idade (Resignados) e só vou à escola porque sou mesmo obrigado (Obrigados).

Estado de Espírito	Frequência	%
Viria à escola mesmo que não fosse obrigado Alunos Satisfeitos	274	41,0%
Só venho à escola porque estão lá todas as pessoas da minha idade Alunos Resignados	216	32,3%
Só vou à escola porque sou mesmo obrigado Alunos Obrigados	179	26,8%
Totais	669	100,0%

Analisadas as respostas verificamos que é maior o número de alunos satisfeitos, mas não chegando sequer aos 50%.

4.1.1 Variações Tonalidade da experiência escolar

	Género	Idade	Ano/Ciclo	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2,00	4,00	2,00	4,00	2,00
χ^2 Observado	0,67	28,03	54,06	4,80	1,71
Probabilidade Observada	0,72	<0,01	<0,01	0,31	0,43

Apenas se verificam variações da tonalidade da experiência escolar com a idade e com o ano de escolaridade. Não se verifica variação com o género, nível de habilitações dos pais e com ser atleta.

4.1.1.1 Tonalidade da experiência escolar segundo a Idade

Idade Experiência Escolar	[12,14]	[15,16]	[17,20]	TOTAL
Alunos Satisfeitos	60 25%	107 47%	107 54%	274 41%
Alunos Resignados	96 40%	66 29%	54 27%	216 32%
Alunos Obrigados	85 35%	55 24%	39 20%	179 27%
TOTAL	241 100%	228 100%	200 100%	669 100%

Graus de Liberdade = 4 χ^2 Observado = 42,67 Probabilidade Observada < 0,01

Como podemos verificar pela análise do quadro, a percentagem de alunos que afirmam ter satisfação por frequentar a escola aumenta à medida que aumenta a idade dos inquiridos.

4.1.1.2 Tonalidade da experiência escolar segundo o Ano de Escolaridade

1. Ano Escolaridade Experiência Escolar	3º Ciclo 7 - 9	Secundário 10 - 12	TOTAL
Alunos Satisfeitos	73 26%	201 52%	274 41%
Alunos Resignados	99 35%	117 30%	216 32%
Alunos Obrigados	109 39%	70 18%	179 27%
TOTAL	281 100%	388 100%	669 100%

Graus de Liberdade = 2 χ^2 Observado = 54,06 Probabilidade Observada < 0,01

Tal como o quadro anterior, aqui também verificamos que a percentagem de alunos que se dizem satisfeitos aumenta consoante aumenta o ano de escolaridade.

4.2 Vínculo Escolar

Para este estudo quisemos saber o interesse dos alunos em relação à escola, se estão integrados no ambiente escolar e qual o seu vínculo escolar.

Para conhecer o vínculo escolar utilizamos três indicadores de C. Alves-Pinto: relativos a saber se os alunos se interessavam pelo que faziam nas aulas, se o ambiente da turma era agradável e se sentiam bem na turma.

4.2.1 Vínculo Escolar: Indicadores Parcelares

A distribuição das respostas para os indicadores do vínculo escolar é a seguinte:

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais
Interesse-me pelo que fazemos nas aulas	14 2,1%	23 3,4%	232 34,1%	355 52,2%	56 8,2%	680 100,0%
O ambiente na minha turma é agradável	38 5,58%	80 11,75%	223 32,75%	243 35,68%	97 14,24%	681 100,00%
Sinto-me bem na minha turma	26 3,8%	34 5,0%	146 21,5%	286 42,1%	187 27,5%	679 100,0%

Os valores constantes no quadro anterior permitem concluir que, em todos os indicadores, são mais os alunos que afirmam concordância, sendo de realçar contudo que a resposta a sinto-me bem na minha turma, obteve o maior número de alunos a declarar concordância.

4.2.2 Vínculo Escolar: Indicador Agregado

Agregado do Vínculo Escolar		
Muito Fraco 3	4	0,6%
4	3	0,4%
5	7	1,0%
Fraco 6	10	1,5%
7	16	2,4%
8	38	5,6%
Neutro 9	72	10,6%
10	115	17,0%
11	132	19,5%
Forte 12	140	20,6%
13	84	12,4%
14	46	6,8%
Muito Forte 15	11	1,6%
Totais	678	100%

Mais uma vez verificamos que o maior número de respostas estão posicionadas nos escalões de opiniões claramente positivas.

Para análises estatísticas posteriores considerámos os seguintes intervalos neutro /fraca [3 a 9], razoável [10 a 11] e forte e muito forte [12 a 15].

4.2.3 Variações do Vínculo Escolar

Para medirmos as variações do Vínculo Escolar dos alunos elaboramos as tabelas de contingência e respetivo tratamento estatístico, por recurso ao teste χ^2 :

	Género	Idade	Ciclo	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2	4	2	4	2
χ^2 Observado	10,20	17,77	1,50	11,69	4,18
Probabilidade Observada	0,01	<0,01	0,47	0,02	0,12

Verificamos que há variação do vínculo escolar com o género, idade e nível de instrução dos pais, não havendo variações no ciclo e com o ser atleta.

4.2.3.1 Vínculo Escolar segundo o Género

Género Vínculo Escolar	Feminino	Masculino	TOTAL
Neutro / fraco 3-9	65 18%	29 09%	94 14%
Razoável 10-11	106 29%	94 31%	200 30%
Forte e Muito forte 12-15	192 53%	185 60%	377 56%
TOTAL	363 100%	308 100%	671 100%

Graus de Liberdade = 2 χ^2 Observado = 10,20 Probabilidade Observada = 0,01

Da análise da distribuição das respostas verificamos que são os rapazes que dizem mais frequentemente ainda do que as raparigas que o vínculo escolar é muito forte.

4.2.3.2 Vínculo Escolar segundo a Idade

Idade Vínculo Escolar Escola Clima	[12,14]	[15,16]	[17,20]	TOTAL
Neutro / fraco 3-9	43 18%	47 20%	60 30%	150 22%
Razoável 10-11	107 44%	74 32%	66 33%	247 36%
Forte e Muito forte 12-15	92 38%	112 48%	76 38%	280 41%
TOTAL	242 100%	233 100%	202 100%	677 100%

Graus de Liberdade = 4

 χ^2 Observado = 17,77

Probabilidade Observada < 0,01

Da leitura deste quadro podemos observar que, na relação dos alunos com a escola (vínculo escolar), são os alunos com as idades compreendidas entre os 15 e os 16 anos que mais afirmam ter uma relação forte e muito forte com a escola.

4.2.3.3 Vínculo Escolar segundo o Nível de Instrução dos Pais (NIP)

NIP Vínculo Escolar Escola Clima	4º/6º ano	9º/12º ano	C. Superior	TOTAL
Neutro / fraco 3-9	26 20%	39 12%	29 13%	94 14%
Razoável 10-11	47 36%	96 30%	55 25%	198 30%
Forte e Muito forte 12-15	58 44%	181 57%	135 62%	374 56%
TOTAL	131 100%	316 100%	219 100%	666 100%

Graus de Liberdade = 4

 χ^2 Observado = 11,69

Probabilidade Observada = 0,02

Como podemos observar pelos dados da tabela, o sentimento muito forte de vínculo escolar, aumenta à medida que aumenta o nível de instrução dos pais.

4.3 Participação Escolar

Pretendíamos saber a opinião dos alunos acerca da sua participação escolar, no que diz respeito às suas atitudes para com os colegas.

4.3.1 Participação Escolar: Indicadores Parcelares

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais
Procuro que nenhum colega seja sempre posto de lado	14 2,1%	17 2,5%	173 25,4%	330 48,5%	147 21,6%	681 100,0%
Quando há conflitos na turma procuro que as pessoas se entendam	25 3,7%	38 5,6%	234 34,5%	297 43,7%	85 12,5%	679 100,0%
Na turma mostro o meu desagrado com o que está mal	18 2,7%	50 7,4%	228 33,6%	265 39,1%	117 17,3%	678 100,0%

Como a tabela evidencia, podemos verificar que uma clara maioria de alunos afirma concordar com uma participação ativa e positiva.

4.3.2 Participação Escolar: Indicador Agregado

Agregado da Participação Escolar		
Muito Fraca 3	3	0,4%
4	3	0,4%
5	1	0,1%
Fraca 6	6	0,9%
7	15	2,2%
8	24	3,6%
Neutra 9	77	11,4%
10	127	18,8%
11	136	20,1%
Forte 12	141	20,9%
13	80	11,8%
14	45	6,7%
Muito Forte 15	18	2,7%
Totais	676	100,0%

Também aqui constatamos que o maior número de respostas estão posicionadas nos escalões de opiniões positivas.

4.3.3 Variações da Participação Escolar

	Género	Idade	Ano	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2	4	2	4	2
χ^2 Observado	1,41	9,11	5,35	14,97	7,44
Probabilidade Observada	0,49	0,06	0,07	<0,01	0,02

Registamos que existem variações da participação escolar com o NIP e o Ser Atleta.

4.3.3.1 Participação Escolar segundo a Nível de Instrução dos Pais (NIP)

NIP Participação Escolar Escola Clima	4º/6º ano	9º/12º ano	C. Superior	TOTAL
Média fraca 3-9	31 23%	65 21%	32 15%	128 19%
Razoável 10-11	61 46%	123 39%	77 35%	261 39%
Forte e Muito forte 12-15	40 30%	128 41%	111 50%	279 42%
TOTAL	132 100%	316 100%	220 100%	668 100%

Graus de Liberdade = 4

 χ^2 Observado = 14,97

Probabilidade Observada < 0,01

Conforme podemos verificar, tal como aconteceu para o vínculo escolar, regista-se que os respondentes que assumem uma participação forte, aumentam à medida que aumenta o nível de instrução dos pais.

4.3.3.2 Participação Escolar segundo o Ser Atleta

És atleta de algum clube desportivo? Participação Escolar	Atleta	Não atleta	TOTAL
Média fraca 3-9	33 14%	91 22%	124 19%
Razoável 10-11	97 40%	161 39%	258 39%
Forte e Muito forte 12-15	114 47%	166 40%	280 42%
TOTAL	244 100%	418 100%	662 100%

Graus de Liberdade = 2

 χ^2 Observado = 7,44

Probabilidade Observada = 0,02

Da análise da distribuição de respostas dos nossos inquiridos, verificamos que são os alunos que também frequentam clubes desportivos, que mais afirmam uma participação forte na escola.

5 VALORES

Para podermos compreender como os valores estão na base das atitudes adotadas pelos nossos alunos, elaboramos questões que nos permitam aferir comportamentos quanto à aceitação de regras, respeito, colaboração, solidariedade e companheirismo, entre outras.

5.1 Amabilidade

Neste indicador procuramos saber se os alunos têm comportamentos afetuosos com os colegas.

5.1.1 Indicador de Amabilidade

Na tua turma os colegas falam com bons modos uns com os outros		
Muito Fraco 1	26	3,8%
2	89	13,1%
Intermédio 3	272	40,1%
4	223	32,8%
Muito Forte 5	69	10,2%
Totais	679	100,0%

Neste indicador verifica-se que a concentração das respostas se situa no intervalo intermédio e forte.

5.1.2 Variações da Amabilidade

	Género	Idade	Ano/Ciclo	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2,00	4,00	2,00	4,00	2,00
χ^2 Observado	5,21	9,28	14,16	8,31	1,79
Probabilidade Observada	0,07	0,05	0,00	0,08	0,41

As variações verificam-se nos cruzamentos com a Idade e com o Ano de Escolaridade, não se verificando variações com o Género, Nível de Instrução dos Pais e ser Atleta.

5.1.2.1 Amabilidade segundo a Idade

Idade Amabilidade	[12,14]	[15,16]	[17,20]	TOTAL
Média Fraca 1 - 3	157 65%	123 53%	106 52%	386 57%
Forte 4 - 4	66 27%	82 35%	75 37%	223 33%
Muito Forte 5 - 5	20 08%	27 12%	22 11%	69 10%
TOTAL	243 100%	232 100%	203 100%	678 100%

Graus de Liberdade = 4

 χ^2 Observado = 9,28

Probabilidade Observada = 0,05

Após análise do quadro, constatamos que se regista que a maioria dos alunos afirma não serem amáveis uns com os outros sendo ainda nos mais novos que se verifica o maior número de respostas.

5.1.2.2 Amabilidade segundo a Escolaridade

Ano Escolaridade AMABILIDADE	3º Ciclo	Secundário	TOTAL
Média Fraca 1 - 3	185 65%	201 51%	386 57%
Forte 4 - 4	74 26%	149 38%	223 33%
Muito Forte 5 - 5	24 08%	45 11%	69 10%
TOTAL	283 100%	395 100%	678 100%

Graus de Liberdade = 2 χ^2 Observado = 14,16 Probabilidade Observada < 0,01

Da leitura da distribuição das respostas dos nossos inquiridos, verificamos que é no 3º ciclo que se encontra o maior número de alunos a assumir uma fraca amabilidade para com os colegas.

5.2 Companheirismo

Para aferir se os nossos respondentes apreciam conviver e socializar com os colegas da turma fora do seu ambiente escolar, elaboramos a questão que apresentamos no quadro seguinte:

5.2.1 Indicador do Companheirismo

Gostas de estar com os teus colegas de turma fora da escola?		
Muito Fraco 1	9	1,3%
2	36	5,3%
Intermédio 3	110	16,3%
4	218	32,2%
Muito Forte 5	303	44,8%
Totais	676	100,0%

Verifica-se que o maior número de respostas se situa acima do ponto médio.

5.2.2 Variações do Companheirismo

	Género	Idade	Ano/Ciclo	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2,00	4,00	2,00	4,00	2,00
χ^2 Observado	6,09	45,07	34,04	14,40	3,33
Probabilidade Observada	0,05	<0,01	<0,01	0,01	0,19

Analisando o quadro das variações verificamos variações significativas com o Género, Idade, Ano de Escolaridade e Nível de Instrução dos Pais. Não existe variação com o Ser Atleta.

5.2.2.1 Companheirismo segundo o Género

Género Companheirismo	Feminino 1	Masculino 2	TOTAL
Média Fraca 1 - 3	97 27%	57 19%	154 23%
Forte 4 - 4	112 31%	106 34%	218 32%
Muito Forte 5 - 5	157 43%	145 47%	302 45%
TOTAL	366 100%	308 100%	674 100%

Graus de Liberdade = 2 χ^2 Observado = 6,09 Probabilidade Observada = 0,05

Da leitura da distribuição das respostas concluímos que são os alunos do género masculino que mais afirmam ter um sentido de companheirismo forte/muito forte.

5.2.2.2 Companheirismo segundo a Idade

Idade Companheirismo	[12,14]	[15,16]	[17,20]	TOTAL
Média Fraca 1 - 3	37 15%	49 21%	69 34%	155 23%
Forte 4 - 4	60 25%	90 39%	68 34%	218 32%
Muito Forte 5 - 5	144 60%	93 40%	65 32%	302 45%
TOTAL	241 100%	232 100%	202 100%	675 100%

Graus de Liberdade = 4 χ^2 Observado = 45,07 Probabilidade Observada < 0,01

No que diz respeito à variação com a idade constata-se que são os alunos mais novos que assumem mais ter um sentido de companheirismo muito forte. Verifica-se também que o sentimento de companheirismo diminui à medida que aumenta a idade.

5.2.2.3 *Companheirismo segundo o Ano Escolar*

Ano Escolaridade Companheirismo	3º Ciclo 7 - 9	Secundário 10 - 12	TOTAL
Média Fraca 1 - 3	45 16%	110 28%	155 23%
Forte 4 - 4	73 26%	145 37%	218 32%
Muito Forte 5 - 5	162 58%	140 35%	302 45%
TOTAL	280 100%	395 100%	675 100%

Graus de Liberdade = 2 χ^2 Observado = 34,04 Probabilidade Observada < 0,01

À semelhança da análise do quadro anterior também aqui se verifica que são os alunos mais novos, neste caso do 3º Ciclo, que mais afirmam ter um sentido de companheirismo muito forte.

5.2.2.4 *Companheirismo segundo NIP*

NIP Companheirismo	4º/6º ano	9º/12º ano	C. Superior	TOTAL
Média Fraca 1 - 3	44 33%	73 23%	37 17%	154 23%
Forte 4 - 4	41 31%	104 33%	68 31%	213 32%
Muito Forte 5 - 5	48 36%	140 44%	114 52%	302 45%
TOTAL	133 100%	317 100%	219 100%	669 100%

Graus de Liberdade = 4 χ^2 Observado = 14,40 Probabilidade Observada = 0,01

Neste caso registamos que são os alunos com o Nível de Instrução dos Pais mais elevado onde se obtém o maior número de respostas para o sentido de companheirismo muito forte. Também se verifica que o sentido de companheirismo muito forte aumenta à medida que aumenta o Nível de Instrução dos Pais.

5.3 Abertura à Amizade

Procuramos estudar como os jovens se interrelacionam e para isso construímos uma questão que refletisse a facilidade da aceitação de novos colegas.

5.3.1 Indicador de Abertura à Amizade

Quando chega um novo aluno na tua turma procuras fazer amizade com ele?		
Muito Fraco 1	9	1,3%
2	19	2,8%
Intermédio 3	136	20,0%
4	242	35,6%
Muito Forte 5	274	40,3%
Totais	680	100,0%

Verifica-se a tendência anterior, situando-se o maior número de respostas acima do ponto médio.

5.3.2 Variações da Abertura à Amizade

	Género	Idade	Ano/Ciclo	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2,00	4,00	2,00	4,00	2,00
χ^2 Observado	9,28	8,01	2,69	1,63	1,34
Probabilidade Observada	0,01	0,09	0,26	0,80	0,51

Podemos verificar que apenas existe variação com o género, não se verificando qualquer variação com Idade, Ano de Escolaridade, Nível de Instrução dos Pais e Ser Atleta.

5.3.2.1 Abertura à Amizade segundo o Género

Género Abertura à Amizade	Feminino	Masculino	TOTAL
Média Fraca 1 - 3	86 23%	77 25%	163 24%
Forte 4 - 4	115 31%	127 41%	242 36%
Muito Forte 5 - 5	166 45%	107 34%	273 40%
TOTAL	367 100%	311 100%	678 100%

Graus de Liberdade = 2 χ^2 Observado = 9,28 Probabilidade Observada = 0,01

Os rapazes optam mais frequentemente por um nível forte de abertura a fazer amizade com novos colegas, enquanto as raparigas referem mais uma abertura muito grande.

5.4 Colaboração

Com este indicador pretendemos aferir se os nossos respondentes estão disponíveis para colaborar com os colegas.

5.4.1 Indicador de Colaboração

Quando há trabalho de grupo estás disponível para colaborar?		
Muito Fraco 1	6	0,9%
2	6	0,9%
Intermédio 3	54	7,9%
4	215	31,6%
Muito Forte 5	399	58,7%
Totais	680	100,0%

Verifica-se que o maior número de respostas se situa nos intervalos forte e muito forte.

5.4.2 Variações Colaboração

	Género	Idade	Ano/Ciclo	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2,00	4,00	2,00	4,00	2,00
χ^2 Observado	22,48	6,11	5,11	6,28	0,72
Probabilidade Observada	<0,01	0,19	0,08	0,18	0,70

Também na colaboração apenas se verifica variação com o género. Não se verificam variações significativas com a Idade, Ano de Escolaridade, Nível de Instrução dos Pais e Ser Atleta.

5.4.2.1 Colaboração segundo o Género

Género Colaboração	Feminino	Masculino	TOTAL
Média Fraca	21	44	65
1 - 3	06%	14%	10%
Forte	104	111	215
4 - 4	28%	36%	32%
Muito Forte	242	156	398
5 - 5	66%	50%	59%
TOTAL	367	311	678
	100%	100%	100%

Graus de Liberdade = 2 χ^2 Observado = 22,48 Probabilidade Observada < 0,01

Neste indicador verificamos que são as raparigas que detêm a maior percentagem de respondentes que dão relevo à colaboração.

5.5 Solidariedade

Aqui quisemos perceber se os nossos inquiridos são solidários com os seus colegas.

5.5.1 Indicador Solidariedade

Quando um colega teu se esqueceu de material escolar tu emprestas-lhe?		
Muito Fraco 1	14	2,1%
2	12	1,8%
Intermédio 3	45	6,6%
4	206	30,4%
Muito Forte 5	400	59,1%
Totais	677	100,0%

Tal como no indicador da Colaboração, verifica-se que o maior número de respostas se situa nos intervalos forte e muito forte.

5.5.2 Variações Solidariedade

	Género	Idade	Ano	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2,00	4,00	2,00	4,00	2,00
χ^2 Observado	11,54	3,90	2,39	5,68	0,31
Probabilidade Observada	<0,01	0,42	0,30	0,22	0,86

Calculadas as tabelas de contingência verificamos que apenas se registam variações com o género.

5.5.2.1 Solidariedade segundo o Género

Género Solidariedade	Feminino	Masculino	TOTAL
Média Fraca 1 - 3	26 07%	43 14%	69 10%
Forte 4 - 4	106 29%	100 32%	206 31%
Muito Forte 5 - 5	235 64%	165 54%	400 59%
TOTAL	367 100%	308 100%	675 100%

Graus de Liberdade = 2 χ^2 Observado = 11,54 Probabilidade Observada < 0,01

Tal como nos cruzamentos anteriores, também neste, encontramos o género feminino a afirmar mais a abertura à solidariedade.

5.6 Pro-atividade

Para a Pro-atividade procuramos compreender se os alunos estão disponíveis para contribuir sugerindo alterações que melhorem o funcionamento da escola.

A distribuição das respostas obtidas consta da tabela seguinte.

5.6.1 Indicador da Pro-atividade

Na escola, quando há alguma coisa que podem ser melhoradas, tu dás sugestões?		
Muito Fraco 1	59	8,7%
2	166	24,4%
Intermédio 3	234	34,5%
4	168	24,7%
Muito Forte 5	52	7,7%
Totais	679	100,0%

Neste indicador a concentração das respostas situa-se no intervalo intermédio.

5.6.2 Variações da Pro-atividade

	Género	Idade	Ano/Ciclo	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2,00	4,00	2,00	4,00	2,00
χ^2 Observado	3,85	7,58	1,24	10,82	0,79
Probabilidade Observada	0,15	0,11	0,54	0,03	0,67

Calculadas as tabelas de contingência verificamos que apenas se regista variação com o Nível de Instrução dos Pais.

5.6.2.1 Pro-atividade segundo o NIP (Nível de Instrução dos Pais)

NIP PRO-ATIVIDADE	4º/6º ano 1 - 2	9º/12º ano 3 - 4	C. Superior 5 - 5	TOTAL
Média Fraca 1 - 3	105 79%	210 66%	138 63%	453 68%
Forte 4 - 4	21 16%	81 25%	64 29%	166 25%
Muito Forte 5 - 5	7 05%	27 08%	18 08%	52 08%
TOTAL	133 100%	318 100%	220 100%	671 100%

Graus de Liberdade = 2 χ^2 Observado = 10,82 Probabilidade Observada = 0,03

Aqui são os alunos com o nível de instrução dos Pais mais baixa que mais assumem menos Pro-atividade para sugestões.

5.7 Confiança no Diretor de Turma

Para esta categoria quisemos estudar o grau de confiança que os alunos têm no seu diretor de turma.

Obtivemos os resultados que apresentamos no quadro seguinte:

5.7.1 Indicador de Confiança

Tens confiança no teu diretor de turma		
Muito Fraco 1	34	5,0%
2	43	6,3%
Intermédio 3	97	14,3%
4	213	31,3%
Muito Forte 5	293	43,1%
Totais	680	100,0%

Neste indicador verifica-se que o maior número de respostas se situa acima do ponto médio.

5.7.2 Variações da Confiança

	Género	Idade	Ano	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2,00	4,00	2,00	4,00	2,00
χ^2 Observado	2,75	2,15	5,43	1	1,19
Probabilidade Observada	0,25	0,71	0,07	0,91	0,55

Verificamos que não se registam variações significativas com as variáveis propostas.

5.8 Aceitação de Regras na sala de aula

Procuramos saber como é que os alunos lidam com a aceitação de regras através de duas questões: respeitadas as regras estabelecidas na sala de aula e as regras que os professores estabelecem nas aulas ajudam a que tudo corra bem.

5.8.1 Aceitação de Regras: Indicadores Parcelares

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concorde Nem Discordo	Concorde	Concorde Totalmente	Totais
Respeitas as regras estabelecidas na sala de aula	4 0,6%	6 0,9%	124 18,2%	392 57,6%	155 22,8%	681 100,0%
As regras que os professores estabelecem nas aulas ajudam a que tudo corra bem	9 1,3%	35 5,2%	220 32,4%	336 49,6%	78 11,5%	678 100,0%

Da observação da distribuição das respostas do quadro anterior, podemos concluir que a maioria dos alunos respeita as regras estabelecidas e concorda que elas ajudam a que tudo corra bem na sala de aula.

5.8.2 Aceitação de Regras: Indicador Agregado

Agregado Aceitação Regras VALORES		
Muito Fraca 2	2	0,3%
3	1	0,1%
Fraca 4	5	0,7%
5	19	2,8%
Intermédia 6	78	11,5%
7	180	26,5%
Forte 8	232	34,2%
9	122	18,0%
Muito Forte 10	39	5,8%
Totais	678	100,0%

Também aqui a concentração de respostas se situa acima do ponto intermédio.

5.8.3 Variações da Aceitação de Regras

	Género	Idade	Ano/Ciclo	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2,0	4,0	2,0	4,0	2,0
χ^2 Observado	10,43	12,64	11,20	0,64	4,32
Probabilidade Observada	0,01	0,01	<0,01	0,96	0,12

Verificam-se variações com o género, a idade e o ano e não existem variações com o NIP e o Ser Atleta.

5.8.3.1 Aceitação de Regras segundo o Género

Género Aceitação Regras Escola VALORES	Feminino 1	Masculino 2	TOTAL
Média Fraca 2 - 6	42 11%	61 20%	103 15%
Forte 7 - 8	226 62%	186 60%	412 61%
Muito Forte 9 - 10	98 27%	63 20%	161 24%
TOTAL	366 100%	310 100%	676 100%

Graus de Liberdade = 2 χ^2 Observado = 10,43 Probabilidade Observada = 0,01

Da análise do quadro podemos verificar que são as alunas quem mais afirma aceitar as regras da escola.

5.8.3.2 Aceitação de Regras segundo a Idade

Idade Aceitação Regras Escola	[12,14]	[15,16]	[17,20]	TOTAL
Neutro Fraca 2 - 6	45 19%	40 17%	19 09%	104 15%
Intermédio 7 - 8	147 61%	143 61%	122 60%	412 61%
Forte e Muito Forte 9 - 10	49 20%	50 21%	62 31%	161 24%
TOTAL	241 100%	233 100%	203 100%	677 100%

Graus de Liberdade = 4 χ^2 Observado = 12,64 Probabilidade Observada = 0,01

Dos resultados obtidos, destacamos aqui que são os alunos com mais idade que mais dizem aceitar as regras da escola.

5.8.3.3 Aceitação de Regras segundo o Ano de Escolaridade

Ciclo Aceitação Regras Escola	3º Ciclo 7 - 9	Secundário 10 - 12	TOTAL
Média Fraca 2 - 6	57 20%	47 12%	104 15%
Forte 7 - 8	169 60%	243 61%	412 61%
Muito Forte 9 - 10	55 20%	106 27%	161 24%
TOTAL	281 100%	396 100%	677 100%

Graus de Liberdade = 2 χ^2 Observado = 11,20 Probabilidade Observada < 0,01

Tal como no quadro anterior, também aqui apuramos que a maior percentagem dos alunos que afirmam aceitar as regras da escola corresponde aos alunos do secundário, os mais velhos.

5.9 Respeito pelas orientações do DT

Neste ponto, pretendemos analisar o respeito dos alunos relativamente às orientações do diretor de turma.

Obtivemos os resultados que apresentamos a seguir:

5.9.1 Indicador do Respeito

Quando o diretor de turma te dá uma ordem tu acatas?		
Muito Fraco 1	11	1,6%
2	9	1,3%
Intermédio 3	68	10,1%
4	220	32,6%
Muito Forte 5	367	54,4%
Totais	675	100,0%

Mais uma vez se verifica que a maior distribuição de respostas se situa acima do ponto médio.

5.9.2 Variações do Respeito

Para estudar eventuais variações deste indicador, elaboramos as tabelas de contingência e respetivo tratamento estatístico, por recurso ao teste de χ^2 .

	Género	Idade	Ano/Ciclo	NIP	Ser Atleta
Graus de Liberdade	2,00	4,00	2,00	4,00	2,00
χ^2 Observado	11,22	2,23	2,56	6,18	2,79
Probabilidade Observada	<0,01	0,69	0,28	0,19	0,25

Apenas se verifica variação no cruzamento com o género, não se verificando variações significativas com a Idade, o Ano de escolaridade e o NIP.

5.9.2.1 *Respeito segundo o Género*

Género Respeito	Feminino 1	Masculino 2	TOTAL
Média Fraca 1 - 3	40 11%	47 15%	87 13%
Forte 4 - 4	104 29%	115 37%	219 33%
Muito Forte 5 - 5	220 60%	147 48%	367 55%
TOTAL	364 100%	309 100%	673 100%

Graus de Liberdade = 2 χ^2 Observado = 11,22 Probabilidade Observada < 0,01

As alunas dizem mais frequentemente ter uma aceitação muito forte das indicações dadas pelo diretor de turma.

6 CLIMA NA ESCOLA E NO CLUBE

Para aprofundar mais o nosso estudo pretendemos relacionar o Clima de escola na perspetiva dos alunos e o Clima do clube na perspetiva dos alunos que praticam uma modalidade desportiva. Uma vez que admitimos que os alunos que frequentam o clube o fazem por vontade própria, iremos comparar as distribuições dos indicadores de clima do clube com os indicadores do clima de escola por um lado na amostra total e por outro na subamostra dos alunos que, no indicador da experiência escolar, considerámos como satisfeitos.

RELAÇÃO COM OS COLEGAS	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais	CLIMA
7.1. Quando ando preocupado com alguma coisa tenho colegas com quem posso falar do que me preocupa	1,5%	2,5%	11,4%	46,0%	38,6%	100,0%	Total da Amostra
7.1. Quando ando preocupado com alguma coisa tenho colegas com quem posso falar do que me preocupa	1,5%	1,5%	12,2%	49,8%	35,1%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
16.1. Quando ando preocupado com alguma coisa tenho colegas na equipa com quem posso falar do que me preocupa	1,2%	1,6%	15,2%	45,1%	36,9%	100,0%	Amostra (Clube)
7.7. Há muita competição entre os alunos. <i>(item invertido)</i>	4,9%	12,7%	34,2%	29,8%	18,4%	100,0%	Total da Amostra
7.7. Há muita competição entre os alunos. <i>(item invertido)</i>	4,8%	14,3%	30,1%	29,4%	21,3%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
16.5. Há muita competição entre jogadores	6,1%	7,8%	24,5%	29,4%	32,2%	100,0%	Total Amostra (Clube)
7.13. Há muitos conflitos entre os alunos. <i>(item invertido)</i>	11,4%	29,8%	28,6%	19,8%	10,5%	100,0%	Total da Amostra
7.13. Há muitos conflitos entre os alunos. <i>(item invertido)</i>	11,0%	33,0%	25,3%	18,3%	12,5%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
16.9. Há muitos conflitos entre os jogadores	35,5%	25,6%	19,8%	14,5%	4,5%	100,0%	Total Amostra (Clube)
7.19. Quando tenho dificuldade em fazer alguma coisa tenho colegas que tentam ajudar-me	2,1%	2,7%	16,7%	51,1%	27,5%	100,0%	Total da Amostra
7.19. Quando tenho dificuldade em fazer alguma coisa tenho colegas que tentam ajudar-me	1,5%	3,7%	13,9%	54,9%	26,0%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
16.13. Quando tenho dificuldade nos treinos, tenho colegas na equipa que tentam ajudar-me	0,8%	0,0%	11,4%	42,0%	45,7%	100,0%	Total Amostra (Clube)

Da análise do quadro anterior verificamos que nos indicadores de relação com os colegas só um – o ter alguém com quem desabafar – apresenta distribuições de respostas muito próximas no que toca ao clima da escola e ao clima do clube. A competição forte é mais referida no clima do clube assim como o apoio de colegas. A existência de conflitos é sentida mais frequentemente na escola do que no clube.

JUSTIÇA	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais	CLIMA
7.2. Os professores explicam quais são os critérios de avaliação	1,5%	2,2%	15,3%	56,7%	24,3%	100,0%	Total da Amostra
7.2. Os professores explicam quais são os critérios de avaliação	0,0%	1,5%	14,6%	53,6%	30,3%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
16.2. Os treinadores explicam quais são os critérios da convocatória	3,3%	4,6%	10,4%	42,1%	39,6%	100,0%	Total Amostra (Clube)
7.8. As notas são no geral justas	6,0%	13,0%	29,3%	40,9%	10,8%	100,0%	Total da Amostra
7.8. As notas são no geral justas	2,9%	11,4%	26,0%	48,0%	11,7%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
16.6. As convocatórias para os jogos são no geral justas	0,9%	6,4%	19,7%	31,2%	41,9%	100,0%	Total Amostra (Clube)
7.14. Os professores mostram preferências por alguns alunos. <i>(item invertido)</i>	4,0%	12,5%	28,5%	30,7%	24,3%	100,0%	Total da Amostra
7.14. Os professores mostram preferências por alguns alunos. <i>(item invertido)</i>	4,4%	17,5%	30,7%	28,5%	19,0%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
16.10. Os treinadores mostram preferências por alguns jogadores	19,2%	15,5%	22,0%	24,9%	18,4%	100,0%	Total Amostra (Clube)

Depois de analisado o quadro anterior verificamos que é mais positiva a perspetiva dos praticantes de desporto relativamente aos critérios de convocação para os jogos do que a perspetiva dos alunos relativamente aos critérios das avaliações, mesmo na subamostra dos alunos satisfeitos.

RELAÇÃO COM O DT / SECCIONISTA	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais	CLIMA
7.3. O Diretor de Turma só sabe ralar e ameaçar com castigos. <i>(item invertido)</i>	28,3%	40,9%	19,0%	6,8%	5,0%	100,0%	Total da Amostra
7.3. O Diretor de Turma só sabe ralar e ameaçar com castigos. <i>(item invertido)</i>	37,4%	41,0%	11,0%	5,9%	4,8%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
16.3. O Seccionista ameaça com castigos para quem não cumpre as regras estabelecidas no regulamento do clube.	18,4%	22,2%	21,3%	25,5%	12,6%	100,0%	Total Amostra (Clube)
7.9. O Diretor de Turma interessa-se por saber se temos dificuldade em acompanhar as diferentes disciplinas	3,7%	6,8%	20,2%	43,8%	25,5%	100,0%	Total da Amostra
7.9. O diretor de turma interessa-se por saber se temos dificuldade em acompanhar as diferentes disciplinas	1,8%	6,3%	19,1%	45,2%	27,6%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
16.7. O Seccionista, ao longo do ano, interessa-se por saber se temos dificuldades nos treinos	2,5%	3,3%	22,1%	36,3%	35,8%	100,0%	Total Amostra (Clube)
7.15. O Diretor de Turma está sempre disponível para nos ouvir e ajudar a resolver problemas	4,4%	3,4%	17,2%	38,8%	36,2%	100,0%	Total da Amostra
7.15. O Diretor de Turma está sempre disponível para nos ouvir e ajudar a resolver problemas	2,6%	2,9%	14,3%	40,3%	39,9%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
16.11. O Seccionista do clube está sempre disponível para nos ouvir e ajudar a resolver problemas	3,8%	4,6%	24,3%	34,7%	32,6%	100,0%	Total Amostra (Clube)

A estratégia de ameaça com castigos é mais frequente no clube do que na escola, assim como o interesse pela evolução de cada um. Já a disponibilidade para atender o jovem parece ser maior na escola do que no clube.

RELAÇÃO COM O PROFESSOR / TREINADOR	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concorde Nem Discordo	Concorde	Concorde Totalmente	Totais	CLIMA
7.5. Os professores fazem o que podem para nos motivar a estudar	3,1%	9,2%	37,7%	38,8%	11,2%	100,0%	Total da Amostra
7.5. Os professores fazem o que podem para nos motivar a estudar	0,0%	8,4%	34,1%	41,4%	16,1%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
16.4. Os treinadores fazem o que podem para nos incentivar a dar o nosso melhor	0,4%	0,8%	5,3%	34,4%	59,0%	100,0%	Total Amostra (Clube)
7.11. Não me sinto à vontade com muitos professores pois eles têm um comportamento muito distante. <i>(item invertido)</i>	6,2%	21,5%	38,4%	24,9%	9,0%	100,0%	Total da Amostra
7.11. Não me sinto à vontade com muitos professores pois eles têm um comportamento muito distante. <i>(item invertido)</i>	8,0%	25,9%	36,5%	22,3%	7,3%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
16.8. Não me sinto à vontade com alguns treinadores pois eles têm um comportamento muito distante	29,5%	25,0%	21,3%	15,6%	8,6%	100,0%	Total Amostra (Clube)
7.17. Os professores respeitam-nos como pessoas	3,5%	4,8%	22,9%	49,3%	19,4%	100,0%	Total da Amostra
7.17. Os professores respeitam-nos como pessoas	0,7%	2,2%	19,0%	52,9%	25,2%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
16.12. Os treinadores respeitam-nos como pessoas	0,8%	0,8%	5,3%	31,4%	61,6%	100,0%	Total Amostra (Clube)

A análise do quadro anterior permite chegar às seguintes conclusões: por um lado a intervenção para motivar os jovens é bastante mais reconhecida no clube do que na escola; por outro lado o à vontade com os adultos é semelhante num e noutro quadro. E por fim os alunos sentem-se mais respeitados no clube do que na escola, e isto mesmo se só considerarmos os alunos satisfeitos com a sua experiência escolar.

7 VALORES NA ESCOLA E NO CLUBE

Como no estudo anterior, também aqui relacionamos os Valores existentes entre os alunos na escola com os Valores existentes entre os alunos que praticam uma modalidade desportiva.

Amabilidade	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais	VALORES
6.7. Na tua turma os colegas falam com bons modos uns com os outros	3,8%	13,1%	40,1%	32,8%	10,2%	100,0%	Total da Amostra
6.7. Na tua turma os colegas falam com bons modos uns com os outros	2,9%	12,8%	37,4%	36,6%	10,3%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
15.7. Na tua equipa os colegas falam com bons modos uns com os outros	3,3%	7,0%	10,7%	39,8%	39,3%	100,0%	Total Amostra (Clube)

Na análise ao valor “Amabilidade” verificamos que são os alunos que praticam uma modalidade desportiva que mais referem positivamente a amabilidade.

Companheirismo	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais	VALORES
6.9. Gostas de estar com os teus colegas de turma fora da escola?	1,3%	5,3%	16,3%	32,2%	44,8%	100,0%	Total da Amostra
6.9. Gostas de estar com os teus colegas de turma fora da escola?	1,5%	4,4%	19,2%	34,3%	40,6%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
15.10. Gostas de estar com os teus companheiros de equipa fora das atividades desportivas?	2,0%	1,6%	7,8%	34,3%	54,3%	100,0%	Total Amostra (Clube)

Quanto ao Companheirismo, também aqui se verifica que são os alunos que praticam uma modalidade desportiva que mais respondem positivamente.

Amizade	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais	VALORES
6.4. Quando chega um novo aluno na tua turma procuras fazer amizade com ele?	1,3%	2,8%	20,0%	35,6%	40,3%	100,0%	Total da Amostra
6.4. Quando chega um novo aluno na tua turma procuras fazer amizade com ele?	0,7%	1,8%	20,8%	35,0%	41,6%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
15.4. Quando entra um elemento novo na equipa procuras fazer amizade com ele?	0,4%	2,0%	6,9%	30,5%	60,2%	100,0%	Total Amostra (Clube)

Na análise ao valor Amizade, continuamos com o resultado semelhante aos verificados nos quadros anteriores, a maior percentagem para os que praticam uma modalidade desportiva.

Colaboração	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais	VALORES
6.5. Quando há trabalho de grupo estás disponível para colaborar?	0,9%	0,9%	7,9%	31,6%	58,7%	100,0%	Total da Amostra
6.5. Quando há trabalho de grupo estás disponível para colaborar?	0,0%	0,4%	7,0%	26,0%	66,7%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
15.5. Se houver jogadores (colegas) que precisam de treinar mais, estás disponível para treinar com eles?	1,6%	3,7%	15,0%	32,1%	47,6%	100,0%	Total Amostra (Clube)

Quanto ao valor de Colaboração, aqui já não se verifica a mesma tendência, são os alunos que vão para a escola com satisfação que mais respondem positivamente.

Solidariedade	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais	VALORES
6.6. Quando um colega teu se esqueceu de material escolar tu emprestas-lhe?	2,1%	1,8%	6,6%	30,4%	59,1%	100,0%	Total da Amostra
6.6. Quando um colega teu se esqueceu de material escolar tu emprestas-lhe?	0,4%	1,8%	7,0%	31,1%	59,7%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
15.6. Quando um colega teu se esqueceu de uma peça de equipamento tu emprestas-lhe?	5,7%	2,8%	14,2%	31,3%	45,9%	100,0%	Total Amostra (Clube)

Também a Solidariedade é mais referida quando os alunos falam da sua experiência escolar, decrescendo nos alunos praticantes de desporto quando falam do clube.

Pro-atividade	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais	VALORES
6.8. Na escola, quando há alguma coisa que podem ser melhoradas, tu dás sugestões?	8,7%	24,4%	34,5%	24,7%	7,7%	100,0%	Total da Amostra
6.8. Na escola, quando há alguma coisa que podem ser melhoradas, tu dás sugestões?	7,0%	22,7%	30,8%	31,5%	8,1%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
15.9. No clube, quando há alguma coisa que podem ser melhoradas, tu dás sugestões?	4,9%	7,0%	24,2%	33,6%	30,3%	100,0%	Total Amostra (Clube)

A pró-atividade é claramente mais referida pelos alunos que praticam desporto, quando falam da sua experiência no clube. E isto mesmo se apenas compararmos o que afirmam sobre a pró-atividade na escola, os alunos que se revelaram satisfeitos com a sua experiência escolar.

Confiança no DT/Treinador	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais	VALORES
6.10. Tens confiança no teu diretor de turma	5,0%	6,3%	14,3%	31,3%	43,1%	100,0%	Total da Amostra
6.10. Tens confiança no teu diretor de turma	2,6%	5,5%	8,8%	33,6%	49,6%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
15.11. Tens confiança no teu treinador	1,2%	0,8%	8,2%	33,1%	56,7%	100,0%	Total Amostra (Clube)

Continuam a ser os alunos que praticam uma modalidade desportiva que mais afirmam positivamente a confiança. Com efeito os praticantes de desporto revelam mais frequentemente confiança no seu treinador do que os alunos no seu diretor de turma.

Aceitação de Regras na Sala de Aula/Clube	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais	VALORES
6.1. Respeitas as regras estabelecidas na sala de aula	0,6%	0,9%	18,2%	57,6%	22,8%	100,0%	Total da Amostra
6.1. Respeitas as regras estabelecidas na sala de aula	0,0%	0,4%	10,2%	61,7%	27,7%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
15.1. Respeitas as regras estabelecidas no clube?	0,0%	0,8%	4,5%	24,4%	70,3%	100,0%	Total Amostra (Clube)
6.2. As regras que os professores estabelecem nas aulas ajudam a que tudo corra bem	1,3%	5,2%	32,4%	49,6%	11,5%	100,0%	Total da Amostra
6.2. As regras que os professores estabelecem nas aulas ajudam a que tudo corra bem	0,7%	2,6%	27,4%	53,6%	15,7%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
15.2. As regras que os treinadores estabelecem nos treinos ajudam a que tudo corram bem	0,0%	1,6%	5,7%	37,0%	55,7%	100,0%	Total Amostra (Clube)

Verifica-se que, continuam a ser os alunos que praticam uma modalidade desportiva que mais respeitam e mais concordam com as regras impostas, neste caso pelo seu treinador.

Respeito pelas Orientações do Diretor Turma/Treinador	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Totais	VALORES
6.3. Quando o diretor de turma te dá uma ordem tu acatas?	1,6%	1,3%	10,1%	32,6%	54,4%	100,0%	Total da Amostra
6.3. Quando o diretor de turma te dá uma ordem tu acatas?	1,5%	1,1%	7,0%	30,4%	60,1%	100,0%	Só Satisfeitos (Escola)
15.3. Quando o treinador do teu clube te dá uma ordem tu acatas?	1,2%	1,6%	5,3%	27,2%	64,6%	100,0%	Total Amostra (Clube)

No que toca ao respeito pelas orientações que lhes são dadas, ela é ligeiramente mais frequentemente referida pelos praticantes de desporto relativamente ao seu treinador, do que pelos alunos satisfeitos relativamente ao seu Diretor de turma.

No entanto, na aceitação de regras, no que diz respeito à sua aplicabilidade, na amabilidade, companheirismo, amizade, pró atividade e confiança são os alunos praticantes de uma modalidade desportiva que revelam uma perspetiva particularmente positiva relativamente à sua experiência no clube.

Quanto aos valores da solidariedade e colaboração verificamos que são os alunos que vão satisfeitos para a escola quem mais afirma concordar.

No valor o respeito, são os alunos que praticam uma modalidade desportiva seguidos dos alunos que vão satisfeitos para a escola que deram respostas mais positivas.

8 CONCLUSÃO

Relembremos que o nosso objetivo inicial era comparar o clima e a socialização na escola e nos clubes desportivos. Optámos por iniciar a nossa análise centrando-nos sobre as perspetivas dos alunos sobre o clima escolar e sobre a experiência e socialização - em termos de valores praticados – na escola, procedendo à análise de variações com características que considerámos relevantes.

Num segundo momento comparámos as distribuições de respostas dos alunos relativos a indicadores de clima de escola e de socialização escolar com as distribuições das respostas dos alunos praticantes de desporto sobre o clima e a socialização no clube.

- Quanto ao Clima Relacional da Escola – para saber qual a perceção que os alunos têm das relações que estabelecem - concluímos que de uma maneira geral os alunos assumem ter uma relação razoável com os colegas, que são as alunas que mais dizem ter uma relação muito forte com o diretor de turma e que são os alunos do terceiro ciclo que mais frequentemente afirmam ter uma relação menos positiva com os seus professores.
- Quanto à Justiça - observamos que são as alunas que mais afirmam existir maior justiça dos professores em relação aos alunos.
- Quanto à Experiência Escolar verificamos que são mais os alunos que afirmam possuir um vínculo escolar forte e os mais novos que mais referem estar satisfeitos por frequentar a escola.
- Quanto à Participação Escolar concluímos que na generalidade a maioria dos alunos entendem ter uma participação positiva e ativa e que os que assumem uma participação forte aumenta com o nível de instrução dos pais.
- Quanto aos Valores – para compreender como os valores estão na base das atitudes adotadas pelos alunos – concluímos que a maioria dos alunos concorda com as regras estabelecidas, que são mais as alunas que afirmam aceitar regras, que não existem diferenças significativas entre os géneros femininos e masculinos, quanto ao sentimento de respeito e da amizade. Já na colaboração e

na amabilidade com os colegas encontramos o género feminino a afirmar mais a importância desses valores.

Num segundo momento, como dissemos, comparámos as distribuições de respostas dos alunos relativos a indicadores de clima de escola e de socialização escolar com as distribuições das respostas dos alunos praticantes de desporto sobre o clima e a socialização no clube.

Podemos também concluir que apesar de uma significativa maioria dos alunos afirmar concordar com os valores como a aceitação de regras, a amizade, o companheirismo e a confiança, são os alunos que praticam uma modalidade desportiva que mais se destacam e ainda podemos ver no caso da aplicabilidade de regras e da amabilidade que o maior relevo é dado pelos alunos que praticam um desporto, pelo que podemos fazer o paralelo com o fair play desportivo que nos clubes lhes é inculcado.

Depreendemos ainda que os valores da colaboração e da solidariedade são mais referidos pelos alunos que apenas frequentam a escola, o que nos leva a pensar que talvez seja porque os praticantes de uma modalidade desportiva estejam mais sensíveis à competição.

9 BIBLIOGRAFIA

- ALVES PINTO C., (1995), **Sociologia da Escola**, Amadora, Ed. McGraw-Hill
- ALVES PINTO C. e TEIXEIRA M. (2014), O aluno, ator plural: da Alienação Escolar e do Clima de Escola in **Infância e Juventude: Culturas, Experiências e Transições**
- AZEVEDO M., (2003), Cultura e clima organizacional – seriam mesmo sinónimos? <http://peopleandresults.com.br/2013/04/22/cultura-e-clima-organizacional-seriam-mesmo-sinonimos/> <http://www.peopleandresults.com.br/#!/cultura-e-clima-organizacional---seriam-/c1osg>
- BERAZA, (1996), El “Clima” Concepto, tipos, influencia del clima e intervención sobre el mismo, in GAINRIN, et all, **Manual de Organización de Instituciones Educativas**, Madrid, Escuela, Cap. VIII, pp. 265-299
- BERGER E LUCKMAN, (2004), **A Construção Social da Realidade**, Um Livro sobre a Sociologia do Conhecimento, Lisboa, DINALIVRO, 2ª
- BERGERON J.L., (1979), “Le Climat Organisationnel et la Satisfaction Au Travail”, in MORIN, G., (org.) **Les Aspects Humains de L’Organisation**, Quebec, Bibliothèque nationale, pp. 289-311
- BRUNET L., (1992), “Clima de Trabalho e Eficácia da Escola” in NÓVOA, A., (org.), **As Instituições Escolares em Análise**, Lisboa, D. Quixote, pp. 123-140
- CALADO M. e SOUSA E., (1993), “Clima Organizacional e suas significações”, **Análise Psicológica**, pp. 201-211
- CORNEJO R., e REDONDO J., (2001), “El clima escolar percebido por los alumnos de Enseñanza media. Ina investigación en algunos liceos de la Región Metropolitana”, **Última Década**, (revista del centro de Investigación y Difusion Poblacional de Achupallas, Viña del Mar, pp. 11-52
- CUNHA M. e REGO A., (2005), **Liderar**, Lisboa, Publicações Dom Quixote
- DESSLER G., (s/d), **Organización y Administración**, enfoque situacional, Prentice-Hall Hispanoamericana, S.A. (traducción de Jorge Cardenas Nannetti).
- DUBAR C., (1997), **A SOCIALIZAÇÃO** Construção das identidades sociais e Profissionais, Porto, Porto Editora
- DUBET F., 1994, **Sociologia da Experiência**, Lisboa, Instituto Piaget
- FERREIRA J. M. et all, (1996), **Psicossociologia das Organizações**, Lisboa, McGraw-Hill
- FINLAYSON D.S., (1981), “Como avaliar o “clima da escola”, in A. BEAUDOT, **Sociologie de l’école**, Paris, Dunod, pp. 121-133
- GAZIEL H. (1987), “Le climat psychosocial de l’ école et la satisfaction que les Enseignants de second degré trouvent dans son travail”, **Le travail humain**, tome 50, nº 1/1987, pp. 35-45 (traduzido para os alunos do ISET)

- JANOSZ M. et all., (1998), “L’ invernissement socioéducatif à l’ école secondaire: un modèle pour guider l’évaluation du milieu”, **Revue Canadienne de Psychologie**, v.27, n° 2, pp. 285-306 (traduzido para os alunos do ISET)
- KETS DE VRIES M. (2001), “Creating authentizotic organizations: Well-functionning Individuals in Vibrant Companies”, **Human Relations** (54), 101-111 (tradução do ISET)
- LEITÃO, M., (2014), **Cultura e Clima Vividos no ISET – qual a perceção de alnos e ex-alunos**, Porto, ISET (policópia)
- MARC e PICARD, (s/d), **A Interação Social**, Porto, Rés
- MENEZES I. e GOMES A., (2010), “Clima Organizacional: uma visão histórica do Constructo”, **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, pp. 158-179
- ROCHER G., (1989), **Sociologia Geral**, A ação social, Lisboa, Editorial Presença, 5ª edição
- TEIXEIRA M., (1995), **O Professor e a Escola**, Lisboa, McGraw- Hill
- TEIXEIRA M. & ALVES-PINTO C. (2013) “School Climate and citizenship: The Portuguese pupils' overview”, **Journal of Educational, Cultural and Psychological Studies (ECPS)**, 11, 153-175

ANEXOS

Estamos, no Instituto Superior de Educação e Trabalho a fazer uma pesquisa para conhecer a opinião dos alunos que frequentam a escola. Para realizar este trabalho venho pedir a tua colaboração, respondendo às questões que se seguem. Este questionário é anónimo. Não escrevas o teu nome em nenhum lugar.

Agradeço que respondas de forma sincera.

Agradeço desde já a tua colaboração

1. Ano de escolaridade: ____º ano

2. Já repetiste algum ano? Não ☐ Sim ☐

3. Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

4. Que idade tens? _____

5. Pensando no que sentes quando vens para a escola, qual das respostas a seguir corresponde mais ao teu estado de espírito? (assinala com uma ☒ uma só resposta, a que corresponde ao que sentes mais vezes)

a. Mesmo se não fosse obrigado, viria à escola, porque gosto ☐

b. Venho à escola, porque todas as pessoas da minha idade estão cá ☐

c. Só venho à escola porque sou mesmo obrigado ☐

6. Pensando no que vives na escola dirás que: (à frente de cada frase marca com ☒ o que melhor corresponde à tua situação)

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Respeitas as regras estabelecidas na sala de aula?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. As regras que os professores estabelecem nas aulas ajudam a que tudo corra bem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Quando o diretor de turma te dá uma ordem tu acatas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Quando chega um novo aluno na tua turma procuras fazer amizade com ele?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Quando há trabalho de grupo estás disponível para colaborar?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Quando um colega teu se esqueceu de material escolar tu emprestas-lhe?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Na tua turma os colegas falam com bons modos uns com os outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Na escola, quando há alguma coisa que podem ser melhoradas, tu dás sugestões?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Gostas de estar com os teus colegas de turma fora da escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Tens confiança no teu diretor de turma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. Pensando na tua experiência na escola dirás que: (à frente de cada frase marca com ☒ a que corresponde à tua opinião)

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concorde Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Quando ando preocupado com alguma coisa tenho colegas com quem posso falar do que me preocupa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os professores explicam quais são os critérios de avaliação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. O diretor de turma só sabe ralar e ameaçar com castigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Interesse-me pelo que fazemos nas aulas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Os professores fazem o que podem para nos motivar a estudar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Procuro que nenhum colega seja sempre posto de lado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Há muita competição entre os alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. As notas são no geral justas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. O diretor de turma interessa-se por saber se temos dificuldade em acompanhar as diferentes disciplinas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. O ambiente na minha turma é agradável	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Não me sinto à vontade com muitos professores pois eles têm um comportamento muito distante	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Quando há conflitos na turma procuro que as pessoas se entendam	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Há muitos conflitos entre os alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Os professores mostram preferências por alguns alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. O diretor de turma está sempre disponível para nos ouvir e ajudar a resolver problemas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Sinto-me bem na minha turma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Os professores respeitam-nos como pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Na turma mostro o meu desagrado com o que está mal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Quando tenho dificuldade em fazer alguma coisa tenho colegas que tentam ajudar-me	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. Quando tu e os teus colegas conversam sobre um assunto e tu tens uma opinião diferentes da maioria, os teus colegas interessam-se por ouvir o que tu pensas?

Quase nunca ☐ Poucas vezes ☐ Algumas vezes ☐ Muitas vezes ☐ Quase sempre ☐

9. Quando há um problema na tua turma que tem de ser resolvido, o teu D.T. pede a vossa opinião?

Quase nunca ☐ Poucas vezes ☐ Algumas vezes ☐ Muitas vezes ☐ Quase sempre ☐

10. Quais são os estudos:do teu Pai 4º ano ou menos ☐ 6º ano ☐ 9º ano ☐ 12º ano ☐ Curso superior ☐da tua Mãe 4º ano ou menos ☐ 6º ano ☐ 9º ano ☐ 12º ano ☐ Curso superior ☐**11. Em termos de notas, os teus professores consideram-te um aluno**Muito fraco ☐ Fraco ☐ Razoável ☐ Bom ☐ Muito bom ☐**12. O teu diretor de turma considera que tens um comportamento**Muito fraco ☐ Fraco ☐ Razoável ☐ Bom ☐ Muito bom ☐**13. És atleta de algum clube desportivo? Sim ☐ Não ☐***Se respondeu não o seu questionário acaba aqui.**Muito obrigado pela sua colaboração***14. Se és atleta de algum clube desportivo, qual o desporto que praticas? _____****15. Pensando no que vives no clube dirás que:** (à frente de cada frase marca com ☒ o que melhor corresponde à tua situação)

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Respeitas as regras estabelecidas no clube?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. As regras que os treinadores estabelecem nos treinos ajudam a que tudo corra bem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Quando o treinador do teu clube te dá uma ordem tu acatas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Quando entra um elemento novo na equipa procuras fazer amizade com ele?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Se houver jogadores (colegas) que precisam de treinar mais, estás disponível para treinar com eles?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Quando um colega teu se esqueceu de uma peça de equipamento tu emprestas-lhe?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Na tua equipa os colegas falam com bons modos uns com os outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Costumas falar com bons modos com os teus adversários?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. No clube, quando há alguma coisa que podem ser melhoradas, tu dás sugestões?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Gostas de estares com os teus companheiros de equipa fora das atividades desportivas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Tens confiança no teu treinador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

16. Pensando na tua experiência no teu clube dirás que: (à frente de cada frase marca com ☒ a que corresponde mais à tua opinião)

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1.Quando ando preocupado com alguma coisa tenho colegas na equipa com quem posso falar do que me preocupa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os treinadores explicam quais são os critérios da convocatória	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. O seccionista ameaça com castigos para quem não cumpre as regras estabelecidas no regulamento do clube.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.Os treinadores fazem o que podem para nos incentivar a dar o nosso melhor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.Há muita competição entre jogadores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. As convocatórias para os jogos são no geral justas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.O seccionista, ao longo do ano, interessa-se por saber se temos dificuldades nos treinos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.Não me sinto à vontade com alguns treinadores pois eles têm um comportamento muito distante	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9.Há muitos conflitos entre os jogadores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Os treinadores mostram preferências por alguns jogadores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. O seccionista do clube está sempre disponível para nos ouvir e ajudar a resolver problemas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.Os treinadores respeitam-nos como pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.Quando tenho dificuldade nos treinos, tenho colegas na equipa que tentam ajudar-me	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

17.Qual o escalão ou nível que estás a praticar?

Infantis (12 e 13 anos) ☐

Iniciados (14 e 15 anos) ☐

Juvenis (16 e 17 anos) ☐

Juniores (18 e 19 anos) ☐

18. Quando há um problema na tua equipa que tem de ser resolvido, o teu treinador ouve a vossa opinião?

Quase nunca ☐

Poucas vezes ☐

Algumas vezes ☐

Muitas vezes ☐

Quase sempre ☐

MUITO OBRIGADO